UTOPIA

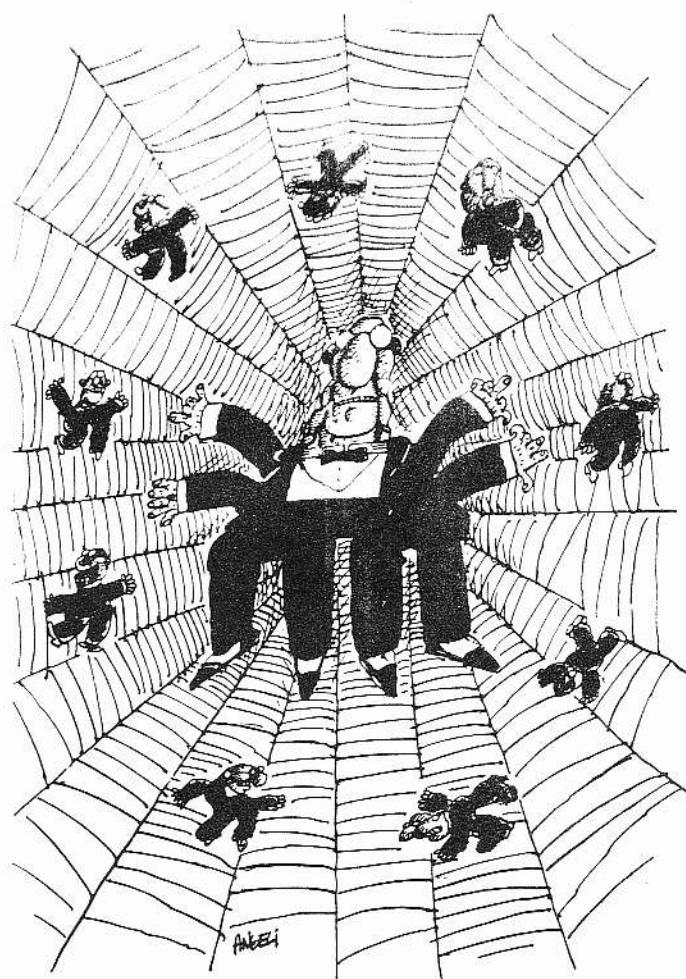
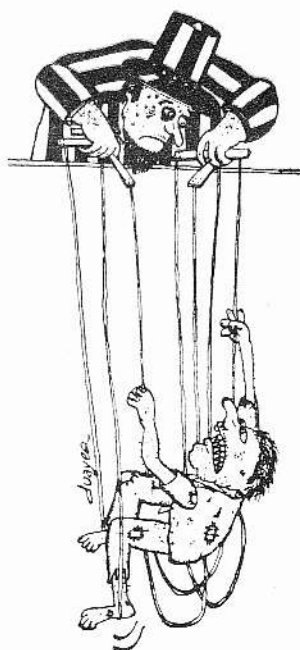
VERÃO 1990 3

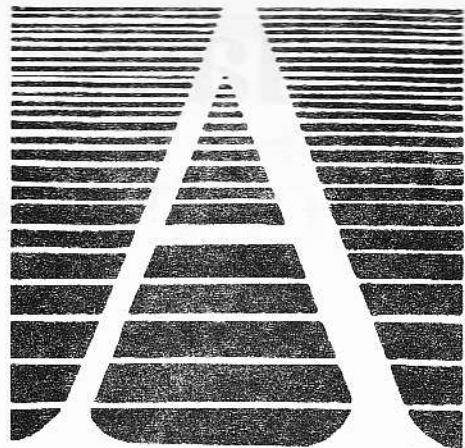
Publicação editada pelo
GRUPO UTOPIA
no Rio de Janeiro, Brasil

A edição é realizada pelo grupo seguindo práticas autogestionárias.

Os artigos publicados são selecionados por todos os que participam da elaboração desta revista embora não reflitam, necessariamente, o estrito pensamento do grupo.

Desejamos criar um espaço onde idéias sejam divulgadas, repensadas e discutidas de forma libertária.

Aceitamos colaborações, embora sua publicação esteja submetida a análise editorial pelos participantes do grupo.

CORRESPONDÊNCIA

GRUPO UTOPIA
Caixa Postal 15001 CEP 20155
Rio de Janeiro - Brasil

EDITORIAL

LIBERDADE, AMOR E ANARQUIA

Amar é querer a liberdade, a completa independência do outro. O verdadeiro ato do verdadeiro amor é a emancipação completa da pessoa que se ama.

Não se pode verdadeiramente amar senão a um ser perfeitamente livre.

Agora, o homem quer a liberdade em todas as acepções e aplicações desta palavra, ou então ele não a quer absolutamente. Querer, amando, a dependência daquele a que se ama, é amar uma coisa e não um ser humano, pois este só se distingue da coisa pela liberdade.

Também, se o amor implicasse a dependência, ele seria a coisa mais perigosa e mais infame do mundo, porque criaria uma fonte inesgotável de escravidão e de degradação para a humanidade.

Emancipar o homem, eis a única influência legítima e benfeitora.

Abaixo todos os dogmas religiosos, científicos, ideológicos e filosóficos; eles nada mais são do que **mentiras**. A **verdade** não é uma teoria mas um fato; a **vida** é a comunidade de **homens livres** e **independentes** – é a santa unidade do amor brotando das profundezas misteriosas e infinitas da **liberdade individual**. Ser livre é não obedecer leis injustas, é não obedecer a nenhuma autoridade. É não reconhecer e não legitimar ninguém como um líder, como um guia, para ser admirado e para ser seguido. "Os homens não são para serem admirados, são todos iguais, todos idênticos. O que importa é o que eles fazem" (Sartre). Um anarquista convicto não reconhece ninguém **acima dele, nem abaixo.**

Nenhum homem deve pretender representar outro homem, porque nisso reside a fonte de toda obediência e de todo conformismo.

A anarquia é uma sociedade de livres e iguais. Numa sociedade de iguais não se pode conceber hierarquias, porque a hierarquia pressupõe a distinção e por conseqüência privilégio – raiz de toda dominação. Numa sociedade de livres não se pode conceber representação e mandatos, porque numa sociedade de livres cada indivíduo se representa por sí mesmo. A humanidade se encontra dividida : de um lado os que buscam o Poder – fonte de todas as misérias humanas; do outro os que pretendem destruir o Poder. Neste estão os Anarquistas.

(Texto do Grupo Anarquista Associação Livre, de Recife)

EXPEDIENTE

Ângela Marques, Bruno L., Ester Redes, Ideal Perez, Jaime Cuberos, José Carlos Orsini, Mirian Fernandes, Oscar Farinha, Paulo Henrique Zucchi, Pedro Kroupa, Renato Ramos, Victor B., Wilhem Krüger.

Composição:
UFFICIO Projetos Gráficos

O crescimento da classe média e suas implicações

A classe média terciária triplicou entre 1950 e 1975, enquanto que a população mundial duplicou em 40 anos. Neste aspecto, uma poderosa economia como a dos Estados Unidos, que tinha 39% de sua população ativa na indústria, em 1946, decresceu para 27,7% em 1986, aumentando nesse período os serviços de 56,6% para 69,6%, devido à tendência à burocratização, que torna lento o crescimento econômico, diminuindo, por sua vez, a taxa de poupança e de investimento.

Em cifras concretas, de 30 milhões de empregos, criados após 1970 nos EUA, 29 milhões foram para o setor de serviços: governo, finanças, comércio, informação, etc...

A economia norte-americana está passando da produção de bens aos serviços

Ao término da Segunda Guerra Mundial grandes massas da população trabalhadora se transferiram para as indústrias urbanas e principalmente, para o setor de *serviços*: comércio, bancos, organizações financeiras, administração pública e de empresas, pessoal militar, comunicações e informações, serviços domésticos.

Produziu-se na maioria dos países, particularmente nos industrializados, uma migração da população do campo para as cidades, e do setor *primário* (1) e *secundário*, para o *terciário*, que aumentou em ritmo acelerado.

França e Alemanha, que em 1936, possuíam respectivamente, 35% e 26% de sua população ativa integrada na agricultura, viram em 1986, essas taxas caírem para 7% e 5,3%.

Constatou-se que houve modificação sócio-econômica e demográfica não registrada durante a primeira e segunda revolução industrial, em que foi mais lento o processo de transferência de massas humanas do campo para as cidades, e por outra parte, da agricultura para a indústria.

Incrivelmente, a classe média cresceu como espuma. Triplicou nos 25 anos transcorridos entre 1950 e 1975, aumentando a taxa de 4,5% anual, enquanto que a população mundial atingia 1,7%, necessitando para duplicar-se não menos de 40 anos.

Em cifras concretas, em 1965, a classe média no mundo, era calculada em 600 milhões de pessoas; nos inícios da década de 1980 alcançava a soma de 1.800 milhões, tornando-se, portanto, a mais numerosa.

Importância Política Eleitoral

Politicamente, isto significa que a importância eleitoral dos operários e camponeses diminuiu entre a pré e pós-guerra, sobretudo nos países desenvolvidos industrialmente, nos quais o aumento prodigioso da produtividade do trabalho industrial e agrícola permitiu aumentar, paralelamente, a classe média ocupada em serviços. Na política eleitoral este fato deu certa estabilidade às democracias parlamentares, nas "sociedades de consumo" que ficaram menos condicionadas em relação ao voto dos operários e camponeses.

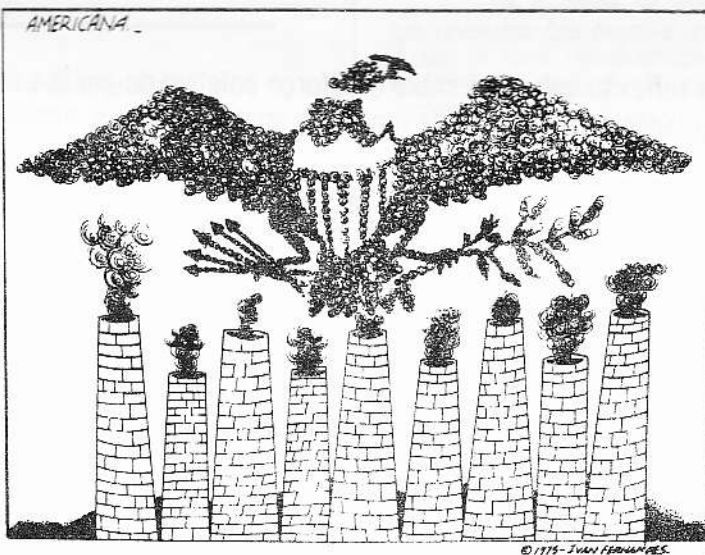
Entretanto, o aumento da classe média ou de pessoas dos setores de *serviços*, uma atividade que não deixa nenhum bem materializado, e do qual resulta produtividade bem inferior ao trabalho industrial e agrícola, consome nos EUA cerca de 68% do produto interno bruto (PIB). Este aumento, tende num futuro próximo, a reduzir o crescimento econômico, em face do consumo improdutivo que é acentuado e a inversão sobre o PIB muito reduzida, entrando assim no marasmo econômico. Nesta ordem de idéias, os Estados Unidos, apesar de seu grande avanço tecnológico, apresentam uma produtividade do trabalho menor 1% em relação ao Japão que tem índices de duas a três vezes maior. Lá os serviços não ocupam os 69,3% do total da população ativa, mas 57,1%. Portanto, a taxa de poupança e de investimento no Japão e nos EUA são respectivamente, muito desiguais: 27,8% e 17,2% e 17,9% e 4,2%. No futuro, se o desenvolvimento econômico seguir esse caminho, os japoneses serão cada vez mais ricos, enquanto que os americanos irão empobrecendo.

Aumento da Burocracia Estatal

Os Estados Unidos que, nos fins do século passado, eram um país com pequena burocracia estatal e uma sociedade acentuadamente auto-organizada, alcançarem prodigioso desenvolvimento econômico com altas taxas de poupança e investimento. Porém, a burocratização e militarização em que caíram progressivamente, desde o término da Segunda Guerra Mundial, diminuiram seu desenvolvimento econômico, duplicando o total das dívidas sobre o valor do PIB. Foram gerados dois déficits gêmeos: o da balança de pagamentos e o do orçamento de seu governo cada vez mais dispendioso. O aumento da classe média – crescimento dos setores *terciários* e *quaternários* – proporcionou ocupação a 30 milhões de pessoas desde o início da década de 1970 (aumentando consideravelmente na época de Reagan), porém dessa quantidade, somente 1 milhão de pessoas se colocaram na produção de bens. Isto explicaria que a poderosa indústria norte-americana, que ocupava em 1946, 39% da população ativa tenha caído, em 1986, para 27,7%, revelando assim que sua economia está passando da produção aos serviços, importando enorme quantidade de artigos manufaturados provenientes do Japão, Coréia do Sul, Taiwan, Hong-Kong, Alemanha Ocidental e de outros países industrializados. Este fato conduziu os Estados Unidos, em 1987, a um déficit em sua balança de comércio exterior de 160 bilhões de dólares.

O capitalismo tem sido mais hábil em permanecer do que os operários para derrubá-lo

O Crescimento da Classe Média e suas Conseqüências

O crescimento desmesurado da classe média, ocupada em atividades *terciárias* e *quaternárias*, por um lado consegue reduzir o desemprego tecnológico produzido pela conversão

industrial; por outro lado, toda a produtividade conseguida na indústria, agricultura e atividades produtivas irá em grande parte, para o aumento da participação dos serviços de distribuição do PIB e no incremento de sua percentagem na população ativa de um país. Então o remédio foi pior que a enfermidade que se tratou de suprimir, retardando e não resolvendo a crise econômica.

Como o mercado mundial domina os mercados nacionais e se os operários nos novos países industrializados da Ásia e no Japão, trabalham mais horas por semana, com taxa de produtividade por homem-hora similar a dos EUA e Comunidades dos Estados Europeus, ainda que recebendo salário, então a curto prazo não vão poder enfrentar a concorrência internacional européia e norte-americana. Isto explicaria o superavit do comércio exterior do Japão com a CEE e EUA, o que, em perspectiva, tenderia a produzir desemprego no setor industrial. E dado que tenham super ocupação no setor de serviços, que não produz bens, propõem uma acentuação da crise econômica nos primórdios do ano 2.000 com uma agravação do protecionismo para contra-balançar o "dumping" dos novos países industriais.*

A revolução científico-tecnológica secular, produziu grandes mudanças na composição percentual das classes sociais da população dos países industrializados. Por exemplo, nos princípios do século XX os trabalhadores, da cidade e do campo, empregados na produção material constituíam 70% da população dos Estados Unidos contra os 20% da atualidade e aproximadamente os 30% da Comunidade dos Estados Europeus.

Isto significa que na evolução econômico-social do capitalismo, o fator trabalho humano material vai diminuindo à medida que aumenta a intensidade do capital por trabalho na agricultura, indústria e outros setores produtores de bens. Em contrapartida, o aumento da população ativa nos setores *terciários* e *quaternários* incrementam a classe média, ou se quisermos, a população não produtora de bens materiais, as taxas elevadas em relação à população total. E isso foi possível pelo "milagre" da crescente produtividade do trabalho na indústria, agricultura, pesca, mineração, energia em geral, na produção material.

A mecanização e a eletrificação da agricultura, assim como o emprego maciço de adubos químicos

Se o proletariado não gestiona diretamente a economia, a política, sua própria vida, não passará como sujeito ativo do processo econômico, político e social

e as grandes obras de irrigação, diminuíram a população rural e aumentaram a população urbana. Por outro lado, a automatização de boa parte do trabalho na indústria, permitiu o rápido crescimento dos empregados *terciários e quaternários*, uma vasta classe média, centro-esquerda ou centro-direita, que estabiliza eleitoralmente a burguesia e pequena-burguesia, nos jogos dos partidos políticos social-democratas, democrata-cristãos ou neo-liberais aduladores do povo trabalhador, porém na realidade, governando para a burguesia industrial, mercantil e financeira. Isso demonstra que o capitalismo tem sido mais hábil em permanecer do que os operários para derrubá-lo.

Se o proletariado, nos termos em que Marx o entendia, cumprindo seu grande papel histórico de emancipação de todas as classes sociais oprimidas, não gestiona diretamente a economia (mediante a propriedade das empresas em autogestão), nem a política (mediante a democracia direta do auto-governo), com socialismo libertário e federalismo integrador da divisão social do trabalho, então o proletariado, manipulado pelas burguesias e tecnocracia do Ocidente e por burocracias totalitárias do Leste, não se historializará como sujeito ativo do processo econômico, político e social.

Em resumo, se o proletariado não tem capacidade revolucionária, se suas reinvindicações se eternizam por meio de um reformismo sindical, ele será apenas a base de sustentação produtiva das burguesias, das pequenas burguesias e das burocracias totalitárias, umas falsamente democráticas, no Ocidente; outras, falsamente socialistas, no Leste, justamente porque até agora o proletariado não soube se constituir como sujeito ativo da história, derrubando o Estado de classes privilegiadas, mediante formas de democracia direta na Sociedade auto-organizada sem classe, autogestionária e libertária.

(1) *Setor primário:* agricultura, exploração florestais, pesca.
Setor secundário: indústrias, minas.
Setor terciário: comércio, transporte, serviços e outras atividades econômicas.
Setor quaternário: trata-se de classificação recente, e envolve atividades como pesquisa, desenvolvimento (P&D), informática, automação, microeletrônica, biotecnologia, energia nuclear.

Esta é a classificação de Colin Clark (The Condition of Economic Progress, 1949) que entendia que a renda real elevada estava associada ao emprego de grande proporção da população no setor *terciário*, porém sabemos que isto não corresponde à realidade dos países periféricos.

Abraham Guillén – economista, autor de inúmeros livros como *A Agonia do Imperialismo*, *O Dilema Econômico da América Latina*.

Qual o sentido da autogestão?

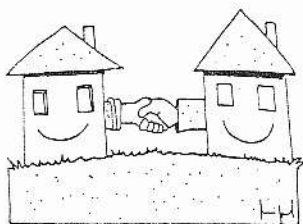
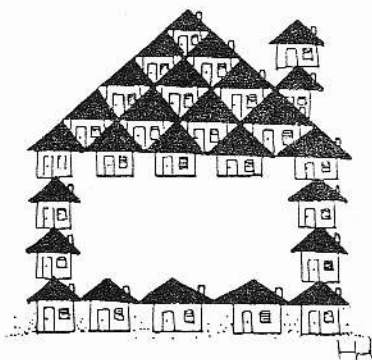
Uma reflexão individual sobre o esforço coletivo de análise dos problemas levantados pela vivência de um grupo anarquista.

Muitas vezes me pergunto, ao ouvir as críticas de marxistas ou de outros mal informados, por que razão é tão difícil para eles compreenderem as propostas anarquistas, não conseguindo sequer aprender o significado de termos como *autogestão* e *ação direta* ? Os mais esforçados acabam por julgá-los sinônimos de conceitos como "controle operário", "autogestão iugoslava" ou "democracia direta", os quais, diga-se de passagem, não contêm um centésimo do âmago das idéias libertárias. O pior é que, além de não entenderem os nossos pontos de vista, convencidos da validade da luta autoritária, parlamentar e representativa, insistem em explicar-nos, como quem corrige uma criança que não encontra a solução óbvia de um problema, que os nossos interesses são comuns! O comunismo nada mais é que o Anarquismo e lá chegaremos juntos! ...

Só quando uma parcela significativa da população aprender a AGIR, é que estará em condições de realizar a Revolução Social

A crítica central dos libertários aos autoritários é que o processo político e econômico característico da luta de classes não pode ser levado nos termos da representação autoritária com partidos e sindicatos dividindo, num esquema típico do ideário burguês, a vida social em instâncias políticas e econômicas dissociadas e subordinadas a esquemas hierárquicos e centralizados de decisão. Esta luta, cujos aspectos políticos e econômicos se condicionam e integram-se no cotidiano, não pode ser vivida em estruturas distintas da organização social – apenas uma convenção teórica determina que o partido ocupe "por definição" o "pedestal" mais alto da política, subordinando-lhe os demais corpos sociais. Esta integração deve ser resgatada em entidades que não percam na luta econômica os aspectos e contornos culturais e lúdicos, administrativos e políticos que compõe a velha noção global do "animador político". Tais organizações, para evitar a burocracia, a centralização das decisões e o monopólio do conhecimento devem ter seus níveis deliberativos nas entidades de "base". Estas, necessariamente, para executarem uma política dentro de uma escala de compreensão e intervenção do indivíduo, não podem ser tão grandes a ponto de prejudicar a funcionalidade do processo de decisão coletiva e consensual, tornando a assembléia uma farsa formal. A própria orientação geral da luta, sem limitar-se às reivindicações salariais, deve voltar-se para a busca de formas de racionalização do trabalho que permitam aos operários conhecerem os processos com os quais lidam diretamente, além dos de outras secções com as quais interagem e a própria administração da empresa e das outras organizações que constituem a malha social. Fracionando e atomizando, desta forma, o poder e gerando o conhecimento operacional que permitirá à sociedade autogestionária erguer-se como em Barcelona, em 1936.

Mas a autogestão não é só isso! Não basta que indivíduos em comum acordo entrem em um modelo para que ele funcione. Isso não impediria que os delegados, mesmo teoricamente revogáveis a qualquer instante, não fossem considerados os mais capacitados para decidirem, perpetuando nos postos e tendo seus atos executivos, a partir das deliberações das assembléias, confundidos por um respeito tacanho pelo gesto em si e não pelo que este encarna, com ordens pessoais e gradualmente adquirissem caráter deliberativo, sem "necessidade" de novas consultas. O modelo não impediria que as minorias concordassem, a princípio de forma espontânea, em acatar *totalmente* a opinião da maioria, não se manifestando e sacrificando a própria opinião, sem buscar o consenso e a liberdade de experimentação. Uma estrutura autogestionária pode ainda existir voltada para si mesmo, sem representar uma entidade anarquista, convivendo muito bem com uma sociedade de tintas conservadoras como é o caso de alguns kibutzin de Israel.

Viver a autogestão
e a ação direta, é a essência
do processo educativo
e preparatório que a
organização anarquista
propõe

Eis o cerne da questão: a luta revolucionária envolve um aprendizado e uma transformação moral que o simples fato de ser uma exploração não propícia. Alguns iluminados de esquerda, apesar de reconhecerem a inutilidade da via parlamentar, julgam-se incorruptíveis e malandros o bastante para usufruírem as vantagens do poder para os seus partidos "revolucionários". Os anarquistas, contudo, não participam das lutas parlamentares, não porque sejam ingênuos ou tolos, mas por saberem que, além do freio que elas representam no avanço das lutas, são eles próprios homens comuns, são afetáveis pela corrupção moral que o exercício do poder e da autoridade significa como quaisquer outros. As contradições internas que cada um traz consigo, fruto de sua própria criação num meio autoritário, só podem ser superadas e o estofo moral transformado além dos limites das "boas intenções" por um processo autogestionário de cunho anarquista.

Viver a autogestão e a ação direta, tentar vivenciá-los, é a essência do processo educativo e preparatório que a organização anarquista propõe. Através dele, com meios libertários, aprende-se a lidar com seus autoritarismos e a livrar-se de crendices como confiar e esperar Salvadores da Pátria, Messias, Chefes Supremos ou Guias Geniais, grandes "Pais", figuras míticas como o Partido, o Estado, a idéia de Deus e outros que as pessoas crêem necessárias para limpar as suas fraldas e passar talquinho nas assaduras.

O que a maioria dos nossos críticos não compreende é que muitos anarquistas ou simpatizantes nunca experimentam é a *natureza* do processo autogestionário. Não basta fundar um grupo de propaganda ou similar, há de se descobrir as reais afinidades dos indivíduos – algo muito além do interesse comum por idéias libertárias – e, sabendo-se afinal o que as pessoas querem em comum, pôr mãos à obra sem dispersar-se. Deve-se aprender a ouvir mas também a exprimir as suas próprias idéias, não se intimidando por alguém falar de forma mais bela; há de se buscar a síntese consensual e não a força da maioria. Aprender-se a discutir por horas a fio um tema importante mas saber distinguí-lo das questiúnculas de um ortodoxismo arrevesado, típico bizantinismo que pode extinguir o trabalho coletivo. Há de se criar "calos" teóricos em nossa individualidade, bem sensíveis, para gritar a qualquer imposição autoritária que se tente fazer; superando também os preconceitos quanto às opiniões alheias. É preciso conseguir diagnosticar os desvios de caráter e os vícios de conduta que emperram a transmissão e a socialização do saber e das decisões. O desenvolvimento da amizade e da confiança deve ser mais profundo do que a simples camaradagem, para entender as críticas dos demais e também para fazê-las sem clima de berlinda ou de análise grupal e sem exigir ou esperar autocríticas e atos de contrição. Há de se reconhecer e harmonizar a existência de atividades externas (campanhas, panfletos, etc.) e internas nas quais o coletivo busque repensar o seu cotidiano, suas contradições e projetos futuros, desenvolvendo a autonomia e a cooperação em doses certas. Há de se suplantar os períodos de inércia gerados pelo ritmo propositalmente sufocante a que a sociedade nos obriga, mantendo discussões e vínculos. Há de se descobrir formas que tornem as atividades financeiramente independentes garantindo os recursos do grupo, sem ajuda externa, restaurando a política como algo acessível ao cotidiano de todo cidadão e não exclusivo do político profissional, que vive às custas de cargo público, verba de partido ou pertence à classe dominante, não precisando trabalhar para viver. Por fim, respeitando-se ainda as peculiaridades individuais, deve-se saber, também, a hora de separar-se, quando se constata que as limitações de cada um tornam o grupo improdutivo em todos os aspectos.

Organizar um grupo de afinidades traz em si um processo de amadurecimento pessoal, de teste das idéias e avaliação das práticas e trocas de saber. Esta aprendizagem, cansativa e estafante a princípio, é a única que não delega responsabilidades individuais a "representantes eleitos" ou Partidos de "Vanguarda". Revolucionar o cotidiano e cotidianizar a revolução através de estruturas e ações que tragam em seu próprio funcionamento o germe da futura sociedade, ou seja, o "velho" método defendido pelos anarquistas, é totalmente inaplicável aos processos de qualquer partido ou grupo que pretende construir o "Comunismo" – aquele dos "intereses comuns" – busca meios e formas autoritários como se com estes conseguissem alcançar fins libertários ...

Enfim, só quando uma parcela significativa da população aprender a AGIR, com autodisciplina e liberdade de opção, é que se estará em condições de realizar a Revolução Social. Apesar de parecer mais longo, este é o único meio seguro, sem o risco dos desvios que já mataram por dentro tantas revoluções. Uma vez iniciado, só pode ser retardado pela eliminação física de seus defensores – o próprio povo – numa escala qualificada como genocídio, tal como os massacres e o êxodo da Espanha libertária durante a ascensão do franquismo.

Só a ação direta reafirma no indivíduo a sua dignidade e apenas a autogestão desperta a verdadeira consciência popular positiva e libertária, que podem ser momentaneamente caladas mas jamais eliminadas pela força das classes dominantes.

Henrique Zucchi

EXÉRCITOS, BRASIS, CHINAS...

1989 OU 1964?

> **"O exército é o câncer da civilização, há muito deveria ser extirpado. Mas o bom senso dos homens é sistematicamente corrompido. E os culpados são: escola, imprensa, mundo dos negócios, mundo político."**
>
> **Albert Einstein**

"Nossas tropas valem por uma grande muralha de aço. Esta dura prova mostrou que o exército está bem preparado" declarou Deng Xiaoping, o homem mais poderoso da China, enquanto condecorava os oficiais que comandaram o vitorioso ataque à Praça da Paz Celestial. O terrível inimigo do governo chinês, a população civil desarmada e pacífica, foi devidamente assassinado pelo Exército de Libertação do Povo, o orgulho de Deng. "Uma pequena minoria instalou o caos com o objetivo de derrubar o partido, liquidar o sistema socialista e subverter a República Popular da China para estabelecer uma república burguesa", observou o homem que trouxe de volta a propriedade privada ao seu país e realizou uma abertura econômica de cunho capitalista, tendo o cuidado de não tocar nos privilégios da oligarquia burocrática que está no poder, corrupta e incapaz.

O "mundo ocidental" adotou as reformas de Deng. Os "liberais" e as grandes empresas multinacionais não se cansaram de elogiá-lo, diante da perspectiva de uma gigantesca fonte de mão-de-obra e um mercado consumidor de 1 bilhão e 100 milhões de pessoas a serem literalmente exploradas. Não foi ao acaso que Deng Xiaoping foi eleito em 1978 e 1985 o "homem do ano", pela revista Time. Do escravismo estatal do falso socialismo ao escravismo capitalista: esta é a trajetória que Deng oferece ao seu povo.

"O povo e o exército devem marchar lado a lado" insistem os homens que tomaram o poder na China após a revolução de Mao Tsé-tung. Mas os estudantes chineses apoiados pela população, resolveram parar de marchar. Resolveram decidir sobre seus destinos. A Paz ameaça o Poder. O exército deve justificar sua existência: a violência. Na madrugada do dia 4 de junho, as Forças Armadas Chinesas mostraram a essência de todas as instituições militares do planeta: tropas e tanques invadiram a praça, numa operação de guerra contra o movimento pacífico dos estudantes, realizando uma matança de civis desarmados que não tinham a mínima possibilidade de reação.

A violência ensinada nos quartéis foi amplamente utilizada: pessoas metralhadas pelas costas enquanto fugiam ou mortas a golpes de baioneta quando queriam dialogar com os soldados; tanques esmagando crianças e velhos. Muitas crianças foram mortas a golpes de baioneta.

GEORGE ORWELL e ALDOUS HUXLEY

Depois do massacre vieram as prisões em massa e as execuções. No dia seguinte, enquanto a Cruz Vermelha anunciava que havia cerca de 2.600 mortos (hoje calcula-se mais de 5.000), o governo chinês anunciava a morte de 300 soldados e 23 estudantes. Segundo Yuam Mu, um dos principais assessores do Primeiro-Ministro Li Peng, "as tropas marcharam sobre o local para cumprir seu dever, nenhuma pessoa morreu durante a ocupação". Para justificar a ação do exército, o governo chinês preparou uma intensa campanha de propagandas e "educação política", para que o povo "ame o socialismo, o partido comunista e as Forças Armadas".

Edmundo Vasques Nogueira

Os programas falam das ações contra-revolucionárias e têm a intenção de "ajudar a juventude a distinguir o bem do mal". Veiculados nos meios de comunicação, absolutamente controlados pelo governo (Rádios, TVs e Jornais), eles visam "estabelecer" os acontecimentos e combater os "rumores que visam destruir o socialismo", dizem as AUTORIDADES do governo chinês. Na VERDADE o que aconteceu na Praça da Paz Celestial foi o ataque de um grupo de contra-revolucionários ao exército, destruindo tanques e incendiando os caminhões das tropas; matando soldados inocentes que ali estavam para manter a paz e PRESERVAR o maravilhoso mundo socialista chinês. George Orwell escreve em seu livro "1984" sobre isso: "um governo totalitário que controla a informação, manipula os fatos e a História, muda o passado e cria verdades de acordo com seus objetivos de escravidão e controle da população".

"Um Estado totalitário realmente eficaz seria aquele em que o executivo todo-poderoso constituído de chefes políticos e de um exército de administradores (ou será administradores do exército?), controlasse uma população de escravos que não precisassem ser forçados, porque teriam amor à servidão. Fazê-los amá-la é a tarefa atribuída aos ministérios da Propaganda, editores de jornais e professores", observa Huxley no prefácio do livro "Admirável Mundo Novo".

O ADMIRÁVEL
MUNDO BRASILEIRO

Os governos ditatoriais e os exércitos são inseparáveis. Aqui no Brasil esse tipo de comportamento, do governo diante da verdade, e do exército diante das manifestações populares, permite que sejamos especialistas no assunto, principalmente após o laboratório militar de 1964.

Foram os metalúrgicos de Volta Redonda que atacaram os tanques e as tropas do exército, causando suas próprias mortes; foram militantes de esquerda que colocaram a bomba no colo dos militares no caso Riocentro; Herzog suicidou-se; os professores paulistas em greve representam uma grave ameaça à democracia.

Após os acontecimentos de Volta Redonda, onde o exército assassinou três trabalhadores, o ministro da Justiça (?), na época Paulo Brossard, entrou em cadeia nacional de televisão para denunciar um mirabolante plano de desestabilização nacional e destruição das instituições democráticas, organizado pelos metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional. O próprio presidente Sarney pronunciou-se contra esses maus brasileiros que querem acabar com o maravilhoso mundo em que vivemos. Em nome do Exército, um general chamado Lacombe, afirmou que os grevistas "dispararam armas de fogo contra os soldados; sendo que não foi encontrada nenhuma arma de fogo em poder dos grevistas. Pela lógica do governo e do exército, os três operários mortos a bala em Volta Redonda são os responsáveis por suas mortes. Não estranhe se eles quiserem nos convercer que foram três suicídios; eles já fizeram isso com Herzog.

Quem andou pela Avenida Paulista no dia da passeata dos professores, pôde observar uma paisagem insólita: carros blindados, tropas de choque, tropas de elite e (acreditem se quiser) tropas e carros de combate na selva, num total aproximado de mil soldados fortemente armados para enfrentar os perigosíssimos professores da rede pública estadual, que, certamente, consistem numa ameaça à sociedade democrática, ocidental e cristã.

Mas o exército não para aí. Ele também é uma instituição anti-ecológica. O ministro do Exército, Leônidas Pires (também conhecido por "General Custer" devido às suas brilhantes declarações sobre os índios), não mede esforços para realizar uma "guerra simulada" no Pantanal Mato-grossense (patrimônio ecológico), com explosão de bombas reais e outras coisas do gênero militar.

Recentemente o ministro da Defesa e o chefe do Departamento Político do Exército e da Marinha da União Soviética advertiram contra o risco de desmoralização das Forças Armadas e mostraram-se preocupados com o "ambiente pacifista" que se passa no país. Eles declararam ao jornal Krasnaia Svesda (jornal das Forças Armadas) que "é necessário pôr fim aos surtos de um pacifismo abstrato e infundado, que pode desacreditar as Forças Armadas e abalar o prestígio do serviço militar". Eles afirmam que o ambiente pacifista age negativamente sobre a formação dos militares, abalando o prestígio do exército. Se os povos viverem em paz, os exércitos não serão mais necessários. Sem exércitos, como os governos dominarão e escravizarão os povos?

Na verdade, o Exército nada mais é que uma INSTITUIÇÃO de parasitas, sustentada pela comunidade e tendo por função reprimi-la. Mas se você disser que o Exército não produz nada, está enganado: ele produz violência, morte e DESTRUIÇÃO. Enquanto existirem exércitos, teremos fatos semelhantes ao massacre da Praça da Paz Celestial.

** Texto extraído do jornal "a prima Angélica" dos alunos da FFLCH – USP*

O dever da palavra

PIERRE CLASTRES junto com Michel Foucault, Marcel Detienne e outros é um pensador moderno que vincula poder e saber, poder e exercício da fala, poder e retórica.

Crítico da antropologia clássica – baseada no evolucionismo e no etnocentrismo – Pierre Clastres analisa o comportamento das sociedades ditas "primitivas", das sociedades "contra o Estado" como ele as denomina para demonstrar que lá onde a palavra não está vinculada ao poder de um indivíduo ou de um grupo, é impossível o estabelecimento da instituição do Estado. Partindo da filosofia da linguagem desses povos "não civilizados", ele procura mostrar a possibilidade de formas de vida social onde está ausente o vínculo Estado-Poder-Violência que caracteriza a filosofia política do Ocidente.

NUM momento histórico e cultural onde tanto se analisa o poder da palavra, da comunicação, da mídia, abordar a ação de falar como dever é algo que nos parece insólito e desconsertante. No entanto, quando se verifica tratar-se de uma análise antropológica do universo das sociedades primitivas, das sociedades sem Estado, então diminui nosso espanto e cresce nossa curiosidade. Que diferenças tão grandes marcam essa cultura, capaz de extrapolar o poder assegurado pelo domínio da palavra para o dever comunitário de falar, eis o que nos perguntamos.

Pierre Clastres nos responde: "não se pode pensar isoladamente poder e palavra porque seu elo não é menos indispensável nas sociedades primitivas do que nas formações estatais. No entanto uma diferença se revela, ao mesmo tempo a mais aparente e a mais profunda, na conjugação de palavra e poder. Se nas sociedades de Estado a palavra é o direito do poder, nas

Se nas sociedades de Estado a palavra é o direito do poder, nas sociedades sem Estado, ela é, ao contrário, o dever do poder

sociedades sem Estado, ela é, ao contrário, o dever do poder. As sociedades indígenas exigem do homem destinado a ser o chefe que ele prove seu domínio sobre as palavras. Falar é para ele uma obrigação imperativa, a tribo quer ouví-lo".

O ritual cotidiano do chefe falando, com sua voz potente, ao amanhecer ou ao crepúsculo, deitado na sua rede ou perto do fogo, dizendo coisas triviais, repetindo normas tradicionais da tribo é uma necessidade premente para a manutenção da ordem nos grupos indígenas. Necessidade essencialmente **política**. É através desse ritual repetitivo que a tribo assegura sua autonomia, sua liberdade. O chefe apenas fala e seu discurso é vazio porque ele não pode dar ordens, ele não é obedecido. Aparentemente as pessoas não o escutam, conversam e executam suas ocupações. Não há recolhimento nem silêncio. Se ele cai na sedução de impôr alguma coisa é renegado, perde a função a que foi designado, deixa de ser o chefe. Nas tribos primitivas o poder não está no chefe.

"A sociedade primitiva sabe por natureza, que a violência é a essência do poder. Neste saber se enraiza a preocupação de manter afastados um do outro, o poder e a instituição, o comando e o chefe. É o campo mesmo da palavra que assegura a demarcação e traça a linha divisória. Forçando o chefe a manter-se somente no elemento da palavra, isto é, no extremo oposto da violência, a tribo se assegura de que todas as coisas permanecem em seu lugar, de que o eixo do poder recai sobre o corpo exclusivo da sociedade e que nenhum deslocamento de forças virá conturbar a ordem social. O dever da palavra do chefe, esse fluxo constante da palavra vazia que ele deve à tribo, é a sua dívida infinita, a garantia que proíbe que o homem da palavra se torne um homem do poder".

Fica claro que os povos ditos "primitivos", através dos seus rituais, exorcizam o perigo de que a instituição do Estado se estabeleça sobre eles. Existindo fora do sistema binário dos regimes baseados na divisão que separa senhor/escravo, dirigente/dirigido, eles evitam que o poder fique na mão de um indivíduo ou de um grupo e portanto evitam a sujeição. É certo que eles obedecem cegamente aos costumes, tradições e rituais de seu grupo mas essa obediência não imposta de cima para baixo, não é afeto do poder do mandatário. Ela é aceita com a mesma naturalidade com que eles vivem todos os acontecimentos do seu cotidiano. E assim o fluxo da vida e do desejo lateja em seus corpos livres, não humilhados pela sujeição. Embora supersticiosos e temerosos das forças profundas de seu pisiquismo (geralmente projetados na natureza)

eles possuem uma alegria constante porque a dinâmica do grupo promove a segurança necessária para equilibrar o "terror" e o "tremor" do ser indigente e solitário que é o ser humano.

A sociedade primitiva sabe por natureza, que a violência é a essência do poder

Quanta diferença em relação às nossas sociedades estatais onde só os senhores falam e os demais estão submetidos ao silêncio do respeito, da veneração ou do terror. Onde "palavra e poder mantêm relacionamento tais que o desejo de um se realiza na conquista do outro... Principe, déspota ou chefe de Estado, o homem do poder não é somente o homem que fala mas a única fonte da palavra legítima, palavra empobrecida mas rica em eficiência, pois ela chama ordem e não deseja senão a obediência do executante. Poder e palavra se estabelecem no próprio ato do encontro. Toda tomada de poder é também aquisição da palavra. Esse poder destacado da sociedade global pelo fato de que somente alguns membros detêm esse poder que, separado da sociedade, se exerce sobre ela se dá em todos os conjuntos das sociedades de Estado, desde os despotismo mais arcaicos até os Estados totalitários modernos, passando pelas sociedades democráticas nas quais o aparelho de Estado, por ser liberal não deixa de ser o senhor longínquo da violência legítima".

Toda tomada de poder é também aquisição da palavra

Eis-nos então, homens sujeitados, humilhados, culpados, envergonhados, alienados, sem criatividade, sem alegria de viver sua potência, suas capacidades, seu ser poético. Seres castrados, revoltados – sem consciência das causas de sua revolta – que desemboca irremediavelmente na violência.

Viajemos para o centro de uma aldeia indígena. "Não se deve perguntar ao seu povo: quem é o chefe e sim quem é entre vocês aquele que tem o dever da fala?"

"Senhor da palavra" eis o nome que muitas tribos dão ao seu chefe.

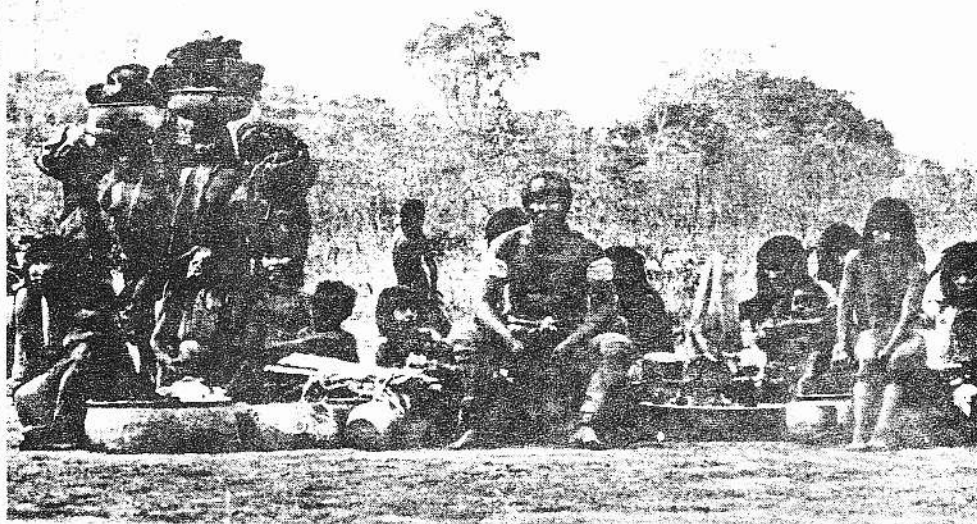
Bibliografia

Para uma clara compreensão das posições libertárias de Pierre Clastres em relação ao pensamento antropológico são recomendados os seguintes livros:

Arqueologia da Violência – Ensaios de Antropologia Política – Edit. Brasiliense, São Paulo, 1982, 243 págs.

Terra Sem Mal: O Profetismo Tupi-guarani – Helene de Clastres, Editora Brasiliense, São Paulo.

A Sociedade Contra o Estado – Editora Francisco Alves S.A., Rio de Janeiro, 1978, 152 págs.

Fotos de Edilson Martins, do livro **Nossos Índios, Nossos Mortos**, Ed. Codecri, RJ.

TODO PODER AO POVO, NÃO AO PARTIDO

Na corrente da perestroika e da glasnost, surgiram novos movimentos libertários na União Soviética. O informe que apresentamos foi trazido por companheiros da SAC – Confederação Anarco-sindicalista da Suécia – que estiveram, por três vezes, em Moscou durante 1989.

Nas revoltas águas da glasnost e da perestroika, começaram a ressurgir grupos e tendências libertárias, que estavam silenciadas pela repressão estalinista.

Como cogumelos após a chuva, aparentemente sem aviso prévio, reaparecem os grupos que retomam o pensamento de Bakunin, proclamando que "a liberdade sem o socialismo é o privilégio, a injustiça; e que o socialismo sem a liberdade é a escravidão e a brutalidade ".

Bakunin, Kropotkin e Tolstoy são as referências e fontes de inspiração no país em que nasceram e onde sonharam um mundo de justiça e liberdade.

OBCHINA

Obchina, que significa **Comunidade**, é o nome de um grupo anarquista que congrega, em Moscou, professores e estudantes. Fundado em maio de 1987 e após vários anos de atuação clandestina, a partir da perestroika passou a atuar mais ou menos publicamente. **Obchina** edita um periódico com o mesmo nome, no qual são publicadas análises da situação atual, informações sobre greves, manifestações, acontecimentos, se abstendo, por questões táticas, de criticar diretamente o partido (...)

Ideologicamente, se baseia nas concepções de Bakunin e Kropotkin, reivindica a liberação total do ser humano, sustentando que isso só será possível com o socialismo (...) Afirma o ideal de uma federação de sociedades autônomas. Combate o centralismo, as estruturas hierárquicas e autoritárias e está, por princípio, contra a violência.

A maioria dos membros do **Obchina** integra simultaneamente o Konsomol (organização oficial da juventude comunista), por ser a única organização juvenil permitida e por estar ali nucleada a juventude, sobre a qual é necessário agir.

Obchina integra a denominada Fração Democrática dentro do Konsomol, que reúne grupos e pessoas que pretendem mudar as estruturas centralistas e introduzir um sistema federativo. A Fração Democrática possui de 200 a 300 membros em Moscou e é combatida abertamente pela direção do Konsomol, ainda que não reprimida, pois a perestroika significa um certa tolerância.

Além da **Obchina** existem outros grupos de estudantes com os quais travamos contato, como a **"Aliança"** e **"Jovens Comuneiros"**, cujas denominações estão historicamente inspirados por Bakunin.

Há também, uma Federação de Socialistas Independentes na qual participam grupos de toda a União Soviética. Em 22 de janeiro de 1989 foi criada a Confederação Anarco-sindicalista (em russo, KAC), com a participação de 50 delegados de grupos de Kiev, Karkov, Moscou, Leningrado, Sibéria e outras regiões.

K.A.C.
Confederação Anarco-sindicalista

Como primeira atividade foi desenvolvida uma campanha de agitação relacionada com o centésimo aniversário do nascimento de Nestor Makhnó e o 175º aniversário do nascimento de Miguel Bakunin. Brevemente será lançado a revista "Golos Truda" (A Voz do Trabalho).

A 1º de maio de 1989 a K.A.C. realizou seu primeiro congresso, reunindo 100 delegados de 15 cidades, da União Soviética, contando com a participação de delegados da SAC, que é a Confederação anarco-sindicalista sueca.

O Congresso foi aberto por Alexei, um jovem de 25 anos, com as seguintes palavras: "Este é um acontecimento histórico. Pela primeira vez, nos últimos sessenta anos intentaremos criar uma organização anarco-sindicalista em um país com forte tradição histórica libertária, com nomes tais como Bakunin, Kropotkin, Tolstoy... O Movimento anarco-sindicalista era forte no início da Revolução e atualmente não é assim. Porém, o movimento se desfez pela repressão e não por sua própria debilidade. Agora iniciamos novamente."

A seguir foi proposto um minuto de silêncio por todos os companheiros vítimas da repressão durante os últimos sessenta anos.

No congresso foram tomadas várias resoluções: um protesto contra o uso de gases, pela polícia para dissolver manifestação em Tblisi, Georgia; o envio de um telegrama a Gorbachev protestando contra a prisão de um companheiro de Novocherkassk; proposta uma declaração conjunta de todos os grupos "não oficiais" contra a utilização da violência como meio de ação política.

Algumas resoluções de princípios foram tomadas. Ficou decidido que o lema principal da Confederação será: **"todo o poder ao povo, não ao partido"**, retomando o lema dos marinheiros de Kronstadt em 1921, quando se rebelaram contra a ditadura do Partido. Foi delineado um modelo de sociedade baseado em conselhos operários, similar aos que se intentou levar a cabo em 1917, antes que os **sovietes** fossem esvaziados de conteúdo por Lenin e o Partido. O delegado de Leningrado (que significativamente, em cada intervenção, utilizou o nome de Petrogrado) estabeleceu: **"Não queremos democracia, queremos a anarquia"**. Posteriormente foi realizado um debate sobre o conteúdo do socialismo libertário, no qual ficaram definidas as aspirações dos progressistas nestes termos: **"Os partidos só desejam o poder para si, somos contra os partidos e a favor de todas as formas de organização realmente populares".**

No programa mínimo foi mencionada a luta por uma sociedade federalista, baseada em unidades autogestionárias, na propriedade coletiva da terra e das fábricas e também na máxima descentralização da economia.

Finalmente, passaram a discutir o símbolo da federação. Até o presente foi utilizado uma bandeira negra com uma estrela vermelha. A discussão dos símbolos tomou muito tempo, mostrando que era de importância para todos.

"O negro é a cor da água, o princípio de todas as coisas". "Negro é a cor do amanhecer".

"A estrela vermelha simboliza também o estalinismo, esta tinta de sangue". Face às divergências, alguns delegados propõem a cor verde, pensando no movimento ecológico. Finalmente decidem adotar a bandeira vermelha e negra cortada em diagonal, a bandeira histórica típica do anarco-sindicalismo.

Paradoxalmente, a reunião foi realizada num pequeno local que pertence a alguma das organizações do aparelho comunista. Nas paredes há frases de Lênin e Gorbachev sobre os progressos da "revolução" e o olhar fixo de Lênin "preside" a reunião no melhor estilo orweliano do grande irmão.

Os delegados sabem que são controlados em maior ou menor grau pela KGB, e ainda que essa reunião não seja pública, também não é clandestina, porém é tolerada. A organização não tem permissão oficial para funcionar.

Todos os delegados, depois da apresentação, relatam a situação nos locais onde habitam. Vai-se formando um mapa da resistência na União Soviética: manifestações, debates dentro e fora das organizações oficiais, solidariedade com pessoas e companheiros dispensados dos empregos ou desalojados de suas casas, edição de pequenos jornais clandestinos, campanhas com listas assinadas para mudar a legislação, trabalho em grupos ecológicos pela denúncia da destruição do meio ambiente.

Igor, de Dnepropetrovsk, contou seu intento de formar um sindicato nos inícios de 80. Reuniram 80 pessoas em poucas horas, antes que a polícia os dissolvesse. Igor foi internado num hospital psiquiátrico. Recentemente foi realizado novo intento e foram novamente reprimidos. O Partido Comunista disse que ainda era muito cedo para tal objetivo. Também relatou o intento de imprimir um jornal que resultou na perda de emprego para todos os trabalhadores da tipografia e a deportação para alguns.

Alexei, de Tjrkessk, relatou que através da transmissão em russo da BBC teve notícias sobre o **Obchina**. Então percebeu que outras pessoas tinham idéias idênticas as suas: – **E agora estou neste congresso!** Ele havia feito greve protestando contra as condições de periculosidade em seu trabalho, razão pela qual foi demitido.

Um delegado de Karkov relatou que o Partido Comunista local havia escrito em seu periódico que o anarco-sindicalismo era a maior ameaça contra o partido. Uma boa propaganda para nós, concluiu.

Encerramento do Congresso

O congresso chega ao seu término, os delegados se separam com renovadas energias. Decidem enviar uma carta de reconhecimento à Confederação Anarco-sindicalista da Suécia (SAC), os únicos delegados do exterior, com o seguinte texto:

"Vemos com esperanças a vinculação com nossos companheiros da Suécia. Esperamos que nosso movimento comum cresça, em todo o mundo, como uma árvore frondosa. Não esqueceremos que a SAC foi a primeira organização a solidalizar-se conosco, os primeiros que transpuseram a cortina de ferro. Deixemos nosso desejo crescer pela desmilitarização do mundo e pela autogestão da classe trabalhadora".

de Comunidad

Em Moscou existe um centro de todos os grupos "não oficiais". Ali se pode obter informações. O endereço é:

IGRUNOV Viacheslav V.
Informative-research
Centre
1 st. Dubvorvskyst 1
USSR, 109044 – Moscow

Atenção: a correspondência é controlada.

CLEVEL[ÂNDIA]

O gulag b[rasileiro]

A história do movimento operário e do anarco-sindicalismo no Brasil está razoavelmente descrito e estudado até o ano de 1920. Inúmeras obras históricas e de análise estrutural esmiuçaram certeiramente esse período. De 20 em diante as lacunas, omissões e deficiências de interpretações avultam de forma notável. A Clevelândia e a intensa repressão que sofreu o movimento anarco-sindicalista tem merecido pequenas referências e na maioria das vezes total desatenção. Há por parte dos pesquisadores de formação marxista um certo "pudor" de tratar este tema muito espinhoso, pois na época o Partido Comunista, através de seus militantes, se livrara do "arrocho" e tivera até uma razoável liberdade, publicando *"A Classe Operária"* (1925) no Rio de Janeiro, e não consta nenhum nome dos partidários do bolchevismo que tenha ido para a Clevelândia. Tudo isso supõe um acordo com os partidários de Bernardes, pois o objetivo era realmente liquidar com o movimento operário anarquista.

JOSE' ALVES DO NASCIMENTO, militante libertario, collaborador d'"A Plebe", fallecido no Oyapock

Como foi iniciada a repressão

Uma insurreição comandada por militares contra Arthur Bernardes, em 1924, que contava também com apoio de políticos, foi pretexto para início da violenta repressão que atingiu o movimento anarquista da época com o propósito bem definido de fechar definitivamente os sindicatos livres, eliminar os militantes mais ativos, expulsando-os em massa do território brasileiro e confinando-os em ilhas-presídios e campos de concentração.

Fracassada a rebelião, centenas de prisioneiros foram metidos nos porões infectos dos navios *Comandante Vasconcelos, Campos, Cuiabá* e sob as mais ignóbeis circunstâncias transportados como gado para o extremo norte do país. As vítimas nem sabiam de seu destino e com o terror estampado nos olhos, a maioria acreditava que seriam fuzilados em alto mar. Os navios seguiam rota até Belém e daí até a foz do rio Oiapoque, onde todos eram transferidos para uma "gaiola" e posteriormente para uma canoa que atingia a Colônia Agrícola da Clevelândia, nome pelo qual era conhecido o *Gulag,* nos limites com a Guiana Francesa.

ANNO XI — Sabbado, 12 d[...]

A PLE[BE]

PERIODICO LIBERTARIO

Director-Gerente: RODOLPHO FELIPPE
Red. e Ad.: Travessa do Commercio, 3 — 2.º andar
Officina: Ferrari & Buono - Av. S. João, 247

ASSIGNA[TURAS] Anno (52 ns.) 10$000 — Numero avulso $200

UMA MANOBRA [...]

A obra dos companheiros qu[e ...] turpada pelos modernos pol[...]

OS TRABALHADORES DEVEM REPELLIR [...]

Oyapock

Após um longo interregno de abominavel memoria, em que foram abafadas brutalmente por um governo czarista todas as legitimas manifestações do livre-pensamento, reenceta de novo a sua jornada de lucta, em prol dos opprimidos, o intimerato "A Plebe".

E ao fazel-o, melhor materia não poderia offerecer aos seus leitores do que trazer á luz da publicidade aquella negra e vergonhosa pagina cuja historia ha de perpetuar-se pelos tempos em fóra, como o marco inconfundivel das maiores infamias, perpetradas com requintada ferosidade pelo passado governo.

Quero referir-me á odysséa de varios nossos camaradas atirados cruelmente para as tetricas regiões do Oyapock.

Faço-o, não sem profundo senti-[...] natureza como que conluiando-se criminosamente com os homens [illegible] preparado aquelle sitio de supplicio, afim de auxilial-os em [illegible] nefasta.

[illegible] mentalmente os meus olhos [illegible] de justa curiosidade [illegible] extenso e profundo [illegible] de onde emanam miasmas pestiferos, [illegible] de envolta no qual myriades de insectos [illegible] ziguezagues [illegible] de esquelletos e desharmoniosos zumbidos; mais alem, avista-se [illegible] e sombrias florestas, na [illegible] das quaes animaes ferozes [illegible] tuem seu "habitat"; e para rematar, dardeja o sol sobre aquelle recanto desolador, raios de fogo, tornando-o torrido e asfixiante.

Pois bem, é para essas plagas onde as vidas se estiolam e fenecem a min-[...]

[...] Oyapock. [...] do movimento op[...]

ANTONIO RUX, que escapou do Oyapock

A região era descrita pelos anarquistas como a terra maldita, pátria da malária, onde o calor sufocante aniquilava toda a vontade de viver. Região pestilenta e encharcada, na qual o homem que ali entrasse seria tragado inevitavelmente. A sezão todas as tardes, certeiramente fazia os corpos escaldarem de febre alta, enroscar-se em contrações de frio, secando lábios e boca. Os pés e o ventre inchavam, a pele ficava amarelada e apergaminhada. Todos os sintomas de fome e anemia se instalavam em quem tivesse a infelicidade de ser jogado nessa região. A Guiana Francesa, limítrofe da Clevelândia, lugar em que os tribunais franceses atiravam todos os indesejáveis, a tétrica Guiana era considerada um paraíso em relação à Clevelândia (Oiapoque).

LÂNDIA

brasileiro

2 de Março de 1927 — NUM. 247

BE

Operarios! A politica é um cancro no seio de vossas associações!

NATURAS: Semestre (26 ns.) ... Pacotes: 12 exemp. ...

Endereçae toda a correspondencia, vales, e registrados para "A PLEBE" Caixa Postal 195 — S. Paulo — BRASIL

A VERGONHOSA

ue se sacrificaram na lucta de-litiqueiros pseudo-operarios

ESSES "SALVADORES" DE ULTIMA HORA

...gos Passos, que conseguiram escapar do ...dos mais activos militantes ...operario do Pará.

O DOMINIO DA TYRANNIA EM CLEVELANDIA

Nicolau Paradas, já enfermo, teve de abrir covas! — Domingos Braz foi posto a ferros por ter protestado contra o esbofeteamento de um operario!

[illegible]

Conta Domingos Passos que a 28 de dezembro de 1924, na "Casa Brasil", elle e um seu ... [illegible]

encontrado, fraco e esgotado, recostado em um toco de árvore, a margem de um regato, pelo companheiro de infortúnio Nascimento. Foi gradativamente se recuperando e intentou nova fuga, dessa vez com pleno êxito, tendo atingido Belém. Domingos Passos, carpinteiro, extraordinário militante, pela sua cultura, atuação e por seu caráter, também conseguiu se evadir atingindo a cidade de Saint Georges, na Guiana Francesa e depois o Brasil. Outros como Pedro Carneiro, Domingos Braz, Manoel Ferreira Gomes (pedreiro), Tomaz Derlitz Borche, Biophilo Panclasta, Pedro O. Mota, Antônio Salgado, Antônio Roux, José Batista de Araújo (pedreiro), Pedro Augusto Mota (tipógrafo) etc., conseguiram escapar.

MANOEL FERREIRA GOMES que tambem conseguiu escapar aos horrores do Oyapock

PEDRO CARNEIRO, militante libertario que conseguiu fugir do Oyapock

DOMINGOS BRAZ, que conseguiu escapar do Oyapock

Odisséia dos operários anarquistas na Clevelândia

Nesse campo de extermínio, nesse *Gulag* brasileiro, ficaram para sempre sepultados os seguintes operários: Pedro Augusto Mota, ex-redator de *"A Plebe"*, José Maria Fernandes Varela, gráfico, Nino Martins, gráfico, Nicolau Parada, garçon, José Alves do Nascimento, garçon.

Outros enfrentando inenarráveis sofrimentos conseguiram se evadir, como Pedro Alves Carneiro, pintor de paredes, Antônio Alves Costa, pedreiro, de apelido "Carioca" que efetuou várias tentativas de evasão, uma das quais se embrenhando pela selva, em busca da liberdade, regressando após semanas de fuga para não morrer de fome e por acaso

Oiapoque! Símbolo da tirania burguesa (A Plebe, 12 de fevereiro de 1927).

O sacrificio de nossos companheiros exige a lucta sem treguas contra o capitalismo

Homenagem a Domingos Passos

Domingos Passos era um moço carpinteiro, dono de cultura invulgar e orador acachapante e envolvente. Acudiam a centenas as pessoas para ouvir a palavra fácil e eloqüente desse mestiço que honrava o Brasil e podia sêr o orgulho do cruzamento da raça branca com o índio, das quais descendia. Pois bem, esse moço todo bondade e cuja erudição a ninguém devia por que era um extraordinário autodidata, que participava também, da meritória campanha a favor de Sacco e Vanzetti, depois de várias vezes arrastado para a sujeira dos cubículos da Rua dos Gusmões (São Paulo), a mando do delegado Hibraim Nobre foi encerrado na "Bastilha do Cambuci", um dos cárceres mas tétricos e espantosos de que se tem memória no Brasil... Escadas eletrificadas por onde se fazia subir e descer os presos a fim de torturá-los... Pequenos cubículos chamados "cofres" de 1,80 m de comprimento por 50 cm de largura, todos pintados de piche, sem aberturas para respiração e com canos de água furados, para molhar, de vez em quando, os infelizes ali sepultados. Celas completamentes escuras, construídas com intenção de matar ou enlouquecer o preso pelo silêncio e a solidão. Pois foi numa destas celas que Domingos Passos esteve recluso por mais de três meses. Quando dali foi removido para ser atirado na Clevelândia estava com o corpo coberto de chagas e todas em fiapo.

Entretanto, após 18 meses de reclusão conseguiu se evadir e voltar para denunciar todo o período bárbaro que foi a época de Bernardes e retornar a luta sindical, agora já no Rio de Janeiro e enfrentar não mais a polícia de Bernardes mas sim os "grupos de choque" do Partido Comunista, que tentavam impedir a atuação dos anarco-sindicalistas através de força e violência. Mas isto será relatado em outra oportunidade.

TRABALHADORES CONSCIENTES!

PROCURAE SABER DO PARADEIRO DE

DOMINGOS PASSOS

Está vivo ou morto? Se vivo, cumpre evitar o assassinio desse martyr, impedir a reproducção, no Brasil, um caso tão odioso como o de Sacco e Vanzetti.

Companheiros! Domingos Passos não assassinou, não roubou, não commetteu crime ou a mais insignificante falta. Foi preso, deportado de S. Paulo, talvez assassinado apenas porque ensina aos trabalhadores os meios de se defenderem contra a exploração dos seus patrões.

Já em Agosto de 1927, durante a agitação pro Sacco e Vanzetti estava Domingos Passos presente a um comicio no largo do Braz, quando foi inopinadamente preso e mettido num carcere durante 40 dias soffrendo os maiores vexames.

D'ahi em diante, por onde andava era trancado nas cadeias até chegar á de Pelotas. Embarcado á força num navio, conseguiu elle fugir em Santos e voltar a S. Paulo. Viveu ahi occulto algum tempo, até que, em fevereiro, o prenderam juntamente com o operario Affonso Festa.

Foram baldados todos os recursos legaes. O habeas-corpus impetrado prejudicou-o a policia informando mentirosamente ao juiz que Passos e Festa não se achavam presos.

Aos rogos da familia de Festa respondeu o delegado paulista que ou abandonavam a questão social e sahiam de S. Paulo, ou apodreciriam no xadrez.

Sabemos que Festa foi ou vae ser deportado para a Italia apesar de brasileiro nato. Está doente e sem nenhum recurso de Domingos Passos não ha noticia.

Companheiros! Esse acto da policia paulista é um desafio ás organizações brasileiras e ao proletariado em geral. Cospem-nos esbofeteiam-nos, matam-nos. E' indispensavel reagir. Se não reagirmos, teremos brevemente no rosto o tacão dos senhores. Então será tarde para nos livrarmos.

Companheiros: exijamos a entrega de Domingos Passos e de Affonso Festa. Seria uma vergonha cruzarmos os braços. Teriamos então bem merecidas as chicotadas dos nossos amos.

A luta pois todos unidos! — O COMITÉ

A MANHA — Domingo, 2 de Janeiro de 1927

A TRAGEDIA MACABRA DO OYAPOCK!

Mais 404 victimas da truculencia bernardista

A legalidade com a calva á mostra; pouco a pouco se vae fa-
luz sobre os verdadeiros bandidos, mashorqueiros, etc.,

"Desappareceram" os livros de registro obituario contendo o nome de cem martyres

Saint Georges, 14-12-1925
É verdade que d'aqui tambem é dificil sahir e quasi impossivel a vida, por falta de trabalho, porem livrámo-nos das humilhações e tyrannias de que eramos victimas em clevelandia

UM GRITO DE REBELDIA

ELISÉE RECLUS: Geografia e Anarquismo

ELISÉE RECLUS (1830 – 1905) militante anarquista e geógrafo, jamais separou a ação política da ação científica. Contrariando o pensamento geográfico dominante, Reclus preocupou-se em demonstrar a contribuição que a geografia poderia dar à solução dos problemas sociais e explicar a origem desses problemas.

Podemos salientar, como característica básica de seu pensamento, a natureza da geografia ligada a três conceitos:

1º – divisão da sociedade em classes;

2º – luta de classes como provocadora de guerras civis e de lutas entre os povos;

3º – a afirmação de que nenhuma evolução positiva pode se realizar sem esforços individuais, sem o aperfeiçoamento do homem como pessoa. E ainda, o comprometimento político da ciência geográfica.

Uma outra característica de Reclus é a manutenção da unidade da geografia. Jamais aceitou a dualidade corrente – Geografia Física e Geografia Humana. Para ele, a geografia era uma só, posto que a natureza e o Homem formam um conjunto harmônico de interrelações.

> **Ele não chegou a conhecer as "delícias" do socialismo real, pois morreu em 1905**

Como só se tornou professor universitário no final da vida nunca se preocupou em dar à sua produção um formal status científico, não se prendendo ao limite do conhecimento geográfico – a geograficidade, que impedia os estudos geográficos se expandirem além da relação homem /meio, eximindo-se da análise dos problemas mais candentes da humanidade, que ficariam para os historiadores e para os sociólogos. Reclus conservou para a geografia sua função política e sua postura libertária o que lhe permitiu fazer uma geografia crítica das estratégias econômicas e políticas das classes dominantes através da análise dos problemas urbanos e industriais, do desenvolvimento do imperialismo e dos problemas a nível de organização do Estado. Embora nunca tivesse usado o termo **geopolítica**, pode-se afirmar que ele fez uma geopolítica – oposta a de Ratzel, Mackinder, Kjellen, etc., – de vez que realizou a análise geográfica da dominação política e da necessidade de libertação. Com os estudos a respeito do problema colonial, salientou o sentido da colonização feita não para civilizar ou cristianizar os povos (como se dizia então) mas para explorar os povos e os territórios colonizados.

> **Nenhuma evolução positiva pode se realizar sem esforços individuais, sem o aperfeiçoamento do homem como pessoa**

Tanto por sua produção científica como por sua atuação política Reclus teve ampla divulgação durante sua vida. No entanto, essa influência decresceu na segunda década do século XX. O esquecimento de Reclus resulta de uma conjunção de interesse do meio universitário francês e dos historiadores. Estes em seu ataque contra a geografia social, tiveram como maquiavélico articulador a pessoa de Lucien Febvre, que aconselhava firmemente os geógrafos a fazerem uma geografia "modesta" e abandonarem aos historiadores a análise política. No meio universitário, novas formulações teóricas apresentadas por Vidal de la Blanche procuravam enfocar a região como objeto de estudos e pesquisas, desviando a atenção do geógrafo dos problemas políticos, urbanos, e do processo de industrialização, dando importância maior aos problemas rurais e à análise dos gêneros de vida. É sabido que la Blanche estava profundamente ligado à política estatal francesa. Daí o

grande interesse pelo estudo dos gêneros de vida em um país que realizava uma política imperialista. Daí também que se ignorasse o problema social e a divisão em classes. É fácil compreender que ele tivesse uma linha bem diversa da de Reclus.

Vidal de la Blanche foi o formador de uma plêiade de geógrafos franceses que desenvolveram uma linha geográfica bastante conservadora. Baseado no positivismo de Comte, procurou atingir ideais como a da neutralidade científica e desenvolver ao máximo linhas de especialização, separando a Terra do Homem a ponto até de negar a erosão antrópica (1), por exemplo.

Tomada de Posição da Nova Geografia

A negação total da **geograficidade** dos fenômenos políticos começa a perder seu sentido após a II Guerra Mundial. As vastas destruições sobre o espaço anteriormente construído e conservado abriu novas perspectivas aos geógrafos, que passaram a atuar no planejamento e na reconstrução, desenvolvendo assim posições e atividades políticas.

Nos anos 50, com uma leitura de Marx e de seus discípulos, a fim de encontrar posições marxistas referentes ao espaço, surge uma corrente de geógrafos que toma atitude crítica diante dos modelos de desenvolvimento que eram impostas à nação. Essa crítica se estende à postura dos geógrafos conservadores que procuravam projetar propostas de crescimento econômico encobrindo os impactos destrutivos sociais e ecológicos. Esta escola marxista, com preocupações sociais e ecológicas, mas também trazendo a ancestral ignorância a tudo o que se refere a posições anarquistas e anarquismo simplesmente, se "esqueceu" de pesquisar tudo que Reclus, na última década do século XIX, já preconizava.

Durante os anos de 60 a 70, os intensos debates teóricos nos setores progressistas da sociedade vão se refletir na geografia e Reclus volta a recuperar parte de seu prestígio. Suas obras são revisitadas. Entretanto a universidade francesa, como toda universidade oficial, verdadeiro túmulo do pensamento, continua a ignorar a obra de Reclus.

É difícil crer que isso aconteça somente em razão de seu pensamento radical e suas posições libertárias. Ele não chegou a conhecer as "delícias" do socialismo real, pois morreu em 1905, mas antecipou a crítica às contradições que se observam no socialismo sem liberdade.

Em relação à obra de Reclus (2), se é possível fazer abstração de suas atividades militantes, não é possível considerar sua geografia, escamoteando o lugar considerável que ele dedica aos fenômenos políticos. O silêncio da maioria dos geógrafos em relação à obra de Reclus resulta, principalmente, da recusa de admitir que os fenômenos políticos possam e devam ser enfocados não só sob a dimensão histórica, mas também sob a dimensão espacial.

(1) – Aceleração dos processos erosivos naturais provocados pela ação humana.

(2) – Para uma visão mais abrangente de Reclus, ver a obra do Prof. Manuel Correia de Andrade *Elisée Reclus* – Editora Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais – 200 págs. 1985 – São Paulo.

Obras de Reclus:

La Terre, 2 volumes, 1869

Nouvelle Geographie Universelle, em 19 volumes, 1875-1892. Um dos volumes dessa coleção refere-se ao Brasil, foi traduzido para o português com o título Estados Unidos do Brasil – 1906. Essa obra pode ser consultada na Biblioteca Nacional, RJ.

L'homme e la Terre, em 6 volumes.

L'evolution, la revolution et l'ideal anarchique – 1897

OS ANARQUISTAS NA REVOLUÇÃO RUSSA

A participação dos anarquistas na Revolução Russa de 1917 não se limitou apenas às lutas e combates. Eles se esforçaram para propagar suas idéias de construção progressiva de uma sociedade libertária e partiram para realizá-la na prática como ocorreu na Ucrânia.

Algumas das mais ativas organizações anarquistas russas foram:

1º – *A União de Propaganda Anarco-sindicalista Goloss Truda* – cujo principal trabalho foi a difusão das idéias sindicais entre trabalhadores. Foi ativa inicialmente em Petrogrado de 1917 a 1918, e posteriormente em Moscou. Seu órgão *Goloss Truda* (A Voz do Trabalho), passou de semanário a diário. Possuiam também uma importante editora. Seus militantes foram massacrados pelos bolchevistas que não podiam tolerar uma ação verdadeiramente popular e revolucionária.

2º – *Federação de Grupos Anarquistas de Moscou* – foi uma grande organização que sustentou entre 1917 e 1918 intensa propaganda. Publicou um jornal diário *A Anarquia.* Possuia uma editora com edições de livros anarquistas. Em abril de 1918 foi saqueada pelo governo soviético. A organização conseguiu resistir até 1921, quando seus militantes foram suprimidos.

3º – *Confederação de Organizações Anarquistas da Ucrânia* (NABATE) – foi uma importante organização criada em 1918, época em que os bolchevistas não tinham conseguido impor sua ditadura naquela região. Distinguiu-se por uma ação concreta, positiva. Proclamou a necessidade de uma luta direta através de formas não autoritárias na construção de uma sociedade libertária. Seu órgão principal foi NABATE (O SINO). Agrupou todas as tendências ativas do anarquismo na Rússia e intentou formar uma Confederação Anarquista Pan-russa. Entrou em estreitas relações com o movimento guerrilheiro comandado por Nestor Makhnó, participando ativamente das lutas contra a reação encabeçadas pelos brancos Petliura, Denikin, Grigoriev, Wrangel e outros. Sua definitiva liquidação foi efetuada pela ditadura bolchevista, em fins de 1920, quando seus militantes foram sumariamente fuzilados.

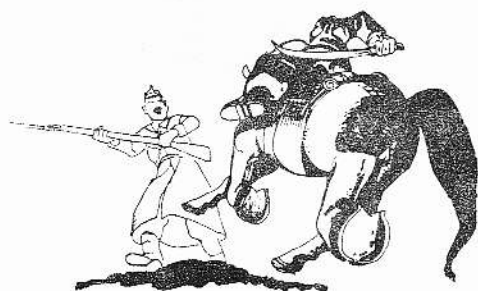
À parte essas três grandes organizações de ações vastas, havia outras menores, pois a partir de 1917 o movimento libertário cresceu na Rússia através de inúmeros grupos ativíssimos, federados ou autônomos, porém todos defendendo uma organização verdadeiramente anti-autoritária e federalista. Foram suprimidos brutalmente pelos bolchevistas.

Outras Ações Anarquistas

Em Moscou, a tarefa mais perigosa e decisiva, nos duros combates de outubro de 1917, recaiu sobre os famosos *Dvintsi* (regimento de Dvinsk). Quando era necessário desalojar os *brancos* (denominavam-se, então, *cadetes*), do Kremlin, do Metropol e sempre que os *cadetes* retomavam a ofensiva, eram sempre os *Dvintsi* que atuavam. Eles eram anarquistas e comandados pelos velhos libertários Grotochov e Fedorov.

A Federação Anarquista de Moscou, com uma parte do regimento de *Dvinsk* deu combate às forças do governo de Kerensky. Os operários de Presnia, de Sokolniki, de Zamoskvoretchie e de outros bairros de Moscou, marcharam ao combate com grupos de anarquistas na vanguarda.

Após a revolução de outubro, os anarquistas continuaram sua luta, apesar de divergirem dos métodos e do poder comunista. Na luta em defesa de Petrogrado contra o general Kornilov (agosto de 1917) e contra o general Kaledin no Sul (1918) os anarquistas tiveram destacado papel.

Numerosos destacamentos de guerrilheiros formados por anarquistas como o destacamento de Mokrussov, de Tcherniak, de Maria Nikiforova tiveram uma importante atuação. À medida que a ditadura bolchevista foi se estabelecendo, por ordem direta de Lênin, o movimento anarquista foi sendo dizimado de forma brutal.

KRONSTADT e a Autogestão

Kronstadt é uma cidade fortificada, situada no golfo da Finlândia e distando 30 km de Petrogrado (hoje Leningrado). Era a principal base da frota russa. Teve sempre papéis importantíssimos na Revolução, tanto que o próprio Trotsky a denominou "orgulho e glória da Revolução Russa", o que não o impediu de massacrá-la quando seus interesses ditatoriais foram contrariados.

Sua população era composta pelos tripulantes da frota báltica, milhares de operários dos arsenais, funcionários, comerciantes, artesãos etc. Um total de 50.000 habitantes, altamente politizados e sofrendo forte influência das idéias libertárias. Elegeram de imediato um soviete (conselho) e transformaram a consígnia: "*Todo o poder para os sovietes*" para "*Todo o poder para os sovietes locais*" na tentativa de descentralizar e desburocratizar a ação construtiva das forças revolucionárias.

O *soviete* de Kronstadt constituiu uma *Comissão Técnica e Militar* que tinha por função armar o povo para a defesa da cidade, dar instrução militar e vigiar o estado dos navios mercantes, de passageiros e de cargas. Criaram também uma *Comissão de Propaganda* – que tinha por objetivo desenvolver a cultura não só na cidade mas em seus arredores. A Comissão dirigia, recolhia e difundia toda classe de literatura. Propagandistas de todos os setores da produção eram comissionados para difundir essa propaganda no resto do país.

Foram criados grupos para o cultivo comunitário da terra com o objetivo de melhorar a dieta da população. A população também resolveu socializar as moradias, criando Comissões de Residência, Comissões de rua, Comissões de bairros e Comissões de Urbanismo. Após o inventário das casas desocupadas ou mal ocupadas, efetuou-se a desapropriação e a conseqüente distribuição para os necessitados, contrariando os partidários do bolchevismo que queriam antes consultar Lênin para saber sua opinião. Inevitavelmente Kronstadt marchava rumo a um socialismo libertário e isso começou a incomodar os corifeus do PC.

Destruição de Kronstadt

A situação econômica se tornou insustentável. O governo bolchevista recusa qualquer diálogo com os operários. Explode inúmeras greves em Petrogrado. E o movimento cresce contra a ditadura do partido, defendendo mais liberdade, autonomia e respeito à todas as forças revolucionárias. Proclama-se uma terceira revolução socialista contra a ditadura do partido comunista. Imediatamente é posto um sistema de repressão sobre os operários de Petrogrado. Kronstadt se mobiliza e passa ostensivamente a apoiar os movimentos operários que infelizmente são inteiramente reprimidos. Kronstadt decide enfrentar o poder bolchevista e o confronto se torna iminente. Os anarquistas Alexandre Berkman e Emma Goldman, presentes em Petrogrado, tentam mediar a situação para evitar um confronto. Nada conseguem. A 7 de março de 1921 as tropas bolchevistas, sob as ordens de Trotsky e comandadas pelo general czarista Toukhatchevsky, iniciam intenso bombardeio. A 16 de março os bolchevistas iniciam violento ataque. Kronstadt oferecera desesperada resistência, mas será massacrada impiedosamente.

Marinheiros do Encouraçado **Aurora**, fundeado em Kronstadt

O Movimento Makhnovista na Ucrânia

Enquanto na Rússia os bolchevistas foram gradativamente tomando o poder, na Ucrânia certas tradições de liberdade e a fraqueza do movimento comunista na região, propiciaram que as lutas fossem diferentes. Na Ucrânia, os sovietes representavam realmente a reunião de delegados operários e camponeses sem interferência de partido político. Os camponeses tomaram a frente das lutas com a formação de inúmeros grupos guerrilheiros que posteriormente fo-

ram unificados por Nestor Makhnó, ganhando o nome *Exército Insurrecional Makhnovista*. Observavam-se os seguintes princípios organizativos:

a) voluntariado – combatentes aderidos voluntariamente;

b) elegibilidade dos postos de comando (desde os comandantes das unidades, até ao Conselho;

c) disciplina livremente consentida (as regras de disciplina eram elaboradas e discutidas em assembléias gerais; uma vez aprovadas deveriam ser rigorosamente observadas).

Primeira Ofensiva do General Branco Denikin

Denikin com suas tropas apareceu na região de Gulai-Pole, em 1919, porém não contava encontrar guerrilheiros tão bem treinados, ótimos cavaleiros que se deslocavam rapidamente de um ponto para o outro em questão de poucas horas. Diante da surpresa Denikin foi obrigado a se retirar para a região do Don, e Mar de Azov.

Uma vez libertada a região e contidas as tropas de Denikin, aparecem as tropas bolchevistas que pretendem incorporar Makhnó ao Exército Vermelho. Fracassados no intento, iniciam através de Trotsky e Lênin uma campanha de difamação. Neste momento as tropas de Denikin iniciam nova ofensiva, o Exército Vermelho desguarnece a região e deixa os guerrilheiros makhnovistas sozinhos para enfrentarem a situação grave, com o objetivo de liquidá-los. Resultou o inesperado; tropas sob comando bolchevista, destituem o comando e vão se juntar às tropas de Makhnó que formam então um imponente exército de 20.000 guerrilheiros. Porém, carentes de armamentos e munições são obrigados a efetuar uma retirada durante três meses, atingindo então a cidade de Ulman, onde as tropas insurgentes ficam completamente cercadas. Neste momento Makhnó empreende terrível ofensiva que irá levar de roldão e destruir completamente as tropas de Denikin. Essa vitória sensacional impediu que as tropas brancas entrassem vitoriosas em Moscou.

A Ofensiva de Wrangel e sua Derrota

O barão de Wrangel encabeçou o movimento branco em substituição a Denikin. Na primavera de 1920 tornou-se um perigo, avançando rapidamente com suas tropas. O Exército Insurrecional resolveu opor-se a Wrangel, porém ao mesmo tempo estavam receosos com o comportamento do Exército Vermelho. Firma-se um pacto com os bolchevistas em que estes se comprometiam a respeitar as realizações libertárias na área dos makhnovistas que tinham crescido enormemente com a fundação de escolas para o povo, baseado nas idéias de Ferrer, movimentos comunitários, sovietes livres, ações vindas do povo e não de partidos etc. Os exércitos makhnovistas empreendem vigorosa ofensiva contra Wrangel derrotando-os e jogando-os para a península da Criméia. Ao retornarem extenuados são massacrados pelas tropas bolchevistas no istmo de Perekop. Inicia-se um plano para destruir todo o movimento inssurecional e para a captura de Makhnó, o que nunca aconteceu, pois o intrépido guerrilheiro anarquista com o conjunto de 2.000 voluntários vai infligir terríveis derrotas ao Exército Vermelho composto de 160.000 soldados. Gravemente ferido, Makhnó escapa, atravessando o Dnieper, Romênia, Polônia, estabelecendo-se em Paris, onde faleceu em Julho de 1935.

MAKHNO

A figura de Makhnó joga uma importância capital no movimento. Nascido em Gulai-Pole em 1889, trabalha no campo e aos 16 anos entra para o movimento anarquista. Em 1908 é condenado à morte, pena comutada para a prisão perpétua na penitenciária de Moscou (Butyrki). Conhece o anarquista Archinov e faz aprendizado de economia política, história, literatura, etc. Ao ser libertado em 1917 se dirige imediatamente para sua aldeia natal e inicia a organização dos camponeses, pois considerava-os uma enorme força histórica. Imediatamente inicia a desapropriação das terras e a sua distribuição aos camponeses. Criam-se também, comunidades livres, onde grupos cooperativos se encarregam de lavrar a terra. Abole-se toda a exploração do camponês pelo dono da terra. Criam-se sovietes, sem interferência dos bolchevistas. Os caracteres positivos do movimento Makhnovista são inegáveis: a completa independência de toda a tutela política, a coordenação livre e federativa, a influência libertária que o movimento exerceu sobre a população, o incomparável valor combativo dos guerrilheiros, o gênio estratégico, organizador e militar de Nestor Makhnó, a rapidez com que as massas camponesas se familiarizaram com as idéias libertárias, as realizações positivas no terreno econômico (formação de Comunas Livres).

Kronstadt:
Todo poder para os sovietes locais

Resenha de livros

SEM "FÜHRER", SEM OPRESSÃO – Publicado em Porto Alegre, *Memórias de Um Imigrante Anarquista* é a vida rica e aventureira do operário escoveiro Friedrich Kniestedt, que após atuar no movimento anarquista alemão, ser inúmeras vezes preso, conhecer Gustav Landauer e Erich Mühsam emigra para o Brasil. Vai com a família trabalhar numa colônia próxima de Ivaí, e posteriormente numa fazenda de café em São Paulo. Numa linguagem rica, cheia de humor, vai relatando sua volta à Alemanha "über alles" (acima de tudo), onde inicia suas atividades pacifistas e antimilitaristas. A repressão é terrível. Seguido dia e noite pela polícia política, definitivamente retorna ao Brasil, prevendo o tufão nazista que se avizinhava. Vai se instalar na colônia Japó, onde com outros imigrantes empreende um trabalho em bases cooperativistas de colonização. Em 1917 vai para o Rio Grande do Sul, entra em contato com a Federação Operária do Rio Grande do Sul e vai atuar eficazmente, denunciando os crimes da Alemanha nacionalista. Empreende tarefa gigante de combate às idéias nacional-socialistas alemãs com a publicação dos jornais *Aktion, Alarm, Das Deutsche Buch,* dos quais será o principal animador. Sua atuação no movimento operário brasileiro irá crescer e seu combate ao nazismo na colônia alemã será significativa. Funda a livraria Internacional em Porto Alegre. Vai lutar também contra militantes do Partido Comunista que tentavam desarticular todos os movimentos anarco-sindicalistas.

A recuperação das memórias de Kniestedt devemos ao professor René E. Gertz do Departamento de História da PUC-RS e da UFRGS que efetuou a tradução dos jornais *Aktion* e *Alarm*. É um trabalho excelente e que recomendamos.

MEMÓRIAS DE UM IMIGRANTE ANARQUISTA – Tradução, introdução e notas pelo Professor René G. Gertz – Coleção Imigração Alemã – 167 págs. RS, 1989 – Pedidos para a Escola Superior de Teologia – Rua Veríssimo Rosa 311 – Porto Alegre – RS – CEP 90610.

PEDAGOGIA LIBERTÁRIA – Atualmente a pedagogia, sob o ângulo da experiência e teoria anarquista, começa a ser descoberta no Brasil e a merecer o interesse de um público que não é mais o das Universidades, mas que se espraia para uma área maior e mais importante: o das pessoas sem diploma universitário, mas interessada nos problemas de nossa época.

O livro *Pedagogia Libertária* traz uma excelente apresentação do Prof. Flávio Luizetto, da Universidade Federal de São Carlos, e está dividido em duas partes fundamentais, teoria e prática. Na primeira parte estão um ensaio de Bakunin sobre Educação Integral, um trabalho magistral de Kropotkin sobre trabalho cerebral e braçal e a polêmica que Ricardo Mella estabelece com os presupostos da Escola Racional. Na segunda parte temos exposta a parte prática com a importante experiência de Paul Robin (1837-1912) no Orfanato de Cempuis, para o qual foi nomeado diretor em 1880. A experiência apresenta todas as limitações imagináveis por se tratar de uma instituição oficial de crianças órfãs e abandonadas, a maioria com acentuadas perturbações físicas e psicológicas. É instituída a educação integral: física, intelectual e moral. Robin cria a primeira Colônia de Férias na história da Pedagogia. O ensino intelectual se desenvolvia em contacto com a natureza, observando fatos que posteriormente eram discutidos nas salas de aula. Educação sexual: a vida em comum de meninos e meninas será o pretexto para que os círculos clericais ponham fim à experiência. Segue-se o capítulo onde é descrita a importante experiência de Sebastian Faure com *La Ruche* (A Colméia), fundada em 1904, numa quinta que irá acolher meninos e meninas de meios proletários, que tentará se auto financiar com a venda de produtos produzidos na granja e através de contribuições. A vida cotidiana de *La Ruche* se desenvolve através das assembléias gerais de mestres e alunos. Todos os que recebem a função educativa não recebem salários mas somente alimentação e abrigo. A pedagogia de *La Ruche* estava baseada na autonomia do aluno, ausência de competição, coeducação e educação social, método positivo (deixar a criança fazer suas descobertas, tanto nas oficinas como no campo). A experiência foi interrompida em 1917, com a Primeira Guerra Mundial, que ocasionou intensas dificuldades de alimentação e abrigo para os alunos. Segue o capítulo final sobre as Bolsas de Trabalho dedicado ao ensino de operários. Não figura diretamente no livro a Escola de Ferrer por ser a mais conhecida, mas indiretamente através do debate com Ricardo Mella. A obra está bem apresentada graficamente por uma editora de assuntos médicos.

PEDAGOGIA LIBERTÁRIA – Organizador F.G. Moriyón. Tradução do Prof. José Cláudio de Almeida Abreu – Editora Artes Médicas – Porto Alegre, RS, 1989, 156 págs.

REVOLUÇÃO RUSSA PARA INICIANTES – Todas as revoluções são extremamente complexas nas suas origens, desenvolvimento, estabilização e regressão. A Revolução Russa não escapa à afirmativa, assim os que se aventurarem na tentativa de formar uma idéia precisa do que foi o evento vão esbarrar em uma série de textos de origem dos marxistas que irão dar-lhe uma visão parcial, deformada, incompleta. Entretanto o livro de Maurício Tragtenberg é uma feliz exceção. Ele trata de modo simples o problema da Revolução Russa desde a Rússia Imperial, passando pela sociedade russa pré-revolucionária, atingindo o processo da Revolução, uma crítica à tese "ditadura do proletariado", problema colônia, partido etc. Há uma carência enorme de obras sobre o tema no Brasil, daí que saudamos este belo e útil livro.

A REVOLUÇÃO RUSSA – Prof. Maurício Tragtenberg, coleção Discutindo a História, Editora Atual Ltda. 138 págs. – São Paulo – 1988.

CARNAVAL ELEITORAL ESQUENTA – Após assistirmos pela TV a mais deslavada, a mais sórdida, a mais descarada campanha eleitoral dos últimos decênios recomenda-se a leitura de um livro que vai mostrar por que os anarquistas não participam desse carnaval. Não que os libertários não votem, mas porque eles não participam da luta parlamentar que constitui uma delegação de poder, sem permitir a cobrança e a anulação dessa delegação. Evidentemente os libertários são contra essa delegação de poder por alienar as pessoas e torná-las passivas, não participantes.

OS ANARQUISTAS E AS ELEIÇÕES – Bakunin, Malatesta, J. Cuberos etc. Editora Novos Tempos – São Paulo – Rua General Jardim 228 – conj. 11, CEP: 01223.

ALGUMAS COISAS QUE OS ANARQUISTAS PENSAM DE MARX – Não se trata da afirmação de Proudhon de que "Marx era a tênia do socialismo", nem a de Bakunin de que "Marx era o Bismark do socialismo", mas sim de alguns textos em que são examinados do caráter ou falta de caráter de Marx, até suas doutrinas econômicas e políticas.

OS ANARQUISTAS JULGAM MARX – Textos de Daniel Guerin, Rudolf Rocker, Alexandre Skirda, Eric Vilain, Jean Barrué, Maurice Joyeux – Novos Tempos Editora – S.P. – Rua General Jardim, 228 – conj. 11 – CEP 01223

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS INTERNACIONAIS

CIRCLE A
Box 92, Students Union
Macquarie University
N.S.W. 2109
Australia

ORGANIZACION OBRERA
Jesus Gil - C. Salvadores
1200 Buenos Aires
Argentina

ALTERNATIVE LIBERTAIRE
2 Rue de Linquisition
1040 Bruxelles
Belgium

GUANGUARA LIBERTARIA
(Cubanos no exílio)
P.O. Box 1516
Riverside Station
Miami - Florida 33135-1516
USA

SCHWARZER FADEN
Postfach
7031 Grafenau-1
West Germany

HIRISHIMA ANARCHIST BULLETIN
1539 Ibara
Shiraki Asakijaku
Hiro so Maci
Hirosimaken
Japan

REBEL WORKER
P.O. Box 92
Broadway 2007
Sidney - Autralia
(Fed. Anarco-sindicalista)

IDEAACCCION
Grupo Impulso
Sarmiento 4694
Rosario
Argentina

REALITY NOW
P.O. Box 6326
Station A
Toronto
Canada M5W 1P7

LE MONDE LIBERTAIRE
145 Rue Amelot
75011 Paris
France

ANARXIA
Tax, Oup. 26050
10022 - Athens
Greece

UMANITA NOVA
Federazione Anarchica Italiana
Viale Monza 255
20126 - Milano
Italy

FEDERATION OF KOREAN ANARCHIST
P.O. Box 1938
Kwanghiramun
Seoul
Korea

BUITEN DE ORDE
Faustlaan 34
Amstelueen
Netherlands

ACAPPELLA
Kritsztof Galinksi
vl. Kraszewski ego 37/34
81-815 Sopot
Poland

ANTÍTESE
Centro de Cultura Libertária
Apartado 40
2801 Al mada Codex
Portugal

KARA
P.K. 1053
34437 Sirkeci
Istanbul
Turkey

DIRECT ACTION
C/-84b Whitechapel H. Street
London El 7QX
England

ENCUENTRO
Comunidad del Sur
Casilla 15229
Montevideo
Uruguay

TIERRA Y LIBERTAD
Apartado Postale
10596
Mexico I. D.F.

ANTI-SYSTEM
P.O. Box 14156
Kilbirnie
Wellington
New Zealand

A BATALHA
Apartado 5085
1702 Lisboa Codex
Portugal

SOLIDARIEDAD OBRERA
Reina Cristina
12, 20, 29, 129
Barcelona 06003
Spain

BLACK FLAG
B.M. Hurricane
London, WC IN 3XX
England

ANARCHY
C/- C.A.L.
P.O. Box 1448
Columbia
MO 65205-1448
USA

NOTICIAS LIBERTÁRIAS

CICLO DE PALESTRAS SOBRE ANARQUISMO – Realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Rio de Janeiro, de 29 de agosto a 19 de setembro, um ciclo de conferências com o seguinte programa: **Genealogia do Poder**, pelo prof. Carlos Henrique Escobar; **Ecologia e Movimentos Alternativos**, pelos profs. José Carlos Morel e Paulo Henrique Zucchi; **Conjuntura Internacional**, pelo prof. Maurício Tragtenberg; **Anarco-sindicalismo**, por Leonardo Morelli; **Soma e Eleições**, pelo dr. Roberto Freire e encerrando o ciclo: **Debate sobre o Movimento Estudantil**.

O VOTO É LIVRE OU OBRIGATÓRIO ? – Debate realizado no teatro da PUC de São Paulo em setembro, com a participação de José Álvaro Moisés (PT), José Augusto Guilhon de Albuquerque (PSDB), ambos professores da Universidade de São Paulo e Jaime Cuberos (Centro de Cultura Social-SP) No final a manifestação maciça do auditório contra o absurdo da obrigatoriedade do voto.

"COMBATE SINDICAL" PUXA AS ORELHAS DA CGT E DA CUT – O número 2 do boletim **Combate Sindical**, em seu editorial, investe contra as grandes centrais sindicais. A CGT que esta faz acordos com os patrões e umas "grevinhas pipocas" visando apenas a luta econômica matizada. A CUT que repentinamente deixou de fazer greves, para não prejudicar seu candidato, o Lula. As lideranças sindicais engajadas em arrumar um futuro próspero com as eleições, mandam os operários à merda. Daí a afirmação anarco-sindicalista de que as organizações operárias não podem estar atreladas a nenhum partido político, sob pena de lesar os trabalhadores. Para recebimento de **Combate Sindical** escrever para a Caixa Postal 10.512 / CEP 03097, São Paulo.

EXTINÇÃO DO EXÉRCITO

Recentemente realizou-se na Suiça um plebiscito para decidir a extinção do Exército. Nesse país para se convocar um plebiscito são necessárias cem mil assinaturas, superadas no caso que estamos tratando por mais 10%, com a qual ela se torna de índole popular. Se o **sim** houvesse triunfado, o Exército teria que ser suprimido no prazo máximo de 10 anos. A participação popular foi de 68%, índice altíssimo, comparado com o das últimas eleições que se situou em torno de 30 a 40%. Isto reflete de imediato o interesse que suscitou o problema. Os jovens suíços se pronunciaram pela abolição das forças armadas num total de 67%, o que acentua o anti-militarismo crescente.

A iniciativa do plebiscito coube aos grupos de esquerda, ecológicos, sindicatos e movimento anarquista. Os partidos e organizações de direita estiveram na oposição. É necessário assinalar que muitos oficiais do Exército são também empresários e diretores de empresa. Não cabe dúvida que foi um tremendo susto na classe dirigente e partidos políticos. Mencionemos que a **objeção de consciência** (recusa ao serviço militar por motivos éticos) é um delito na Suiça. Ante os fatos, possivelmente o Parlamento tenha que legalizar a situação dos **objetores de consciência** sob pena de ser superado pela opinião pública. É condição indispensável que os anti-militares se conscientizem de sua força e aumentem sua atuação conduzindo o Estado para um beco sem saída.

Aqui no Brasil, algumas agências de notícias silenciaram sobre este assunto por demais importante. O movimento libertário já está iniciando a luta pela não obrigatoriedade do serviço militar.

MOVIMENTO SINDICAL EM SÃO PAULO – Foi fundada no mês de agosto em São Paulo a Liga dos Trabalhadores em Ofícios Vários, que tem como principal objetivo a educação e a apropriação pelos trabalhadores dos conhecimentos que habilitem a assumir a autogestão social, que vai desde os modos de produção a todas as instâncias da atividade humana. Sua própria educação se inicia com a autogestão das lutas. Para contatos escrever para a Caixa Postal 10.512 / CEP: 03097 – São Paulo, SP.

MINI-SÉRIE DA TV: COLÔNIA CECÍLIA – Apresentada pela TV Bandeirantes a mini-série Colônia Cecília, apesar do excelente desempenho de alguns artistas como Paulo Betti (Giovani Rossi), Edith Siqueira (Adele), Enio Gonçalves (Anibal), Gabriela Duarte (Bianca) etc., pecou pela falta de um assessoramento de pessoas que conhecessem na realidade os ambientes anarquistas da época e um pouco de história do movimento operário. Deixaram os realizadores de tornar magnífica a trilha sonora da novela por desconhecerem a riqueza de melodias disponíveis. E olhe, não precisariam ir a Itália, em São Paulo, encontrariam tudo. Os cenários foram paupérrimos e a Colônia deu a impressão de um terreno baldio com uma pequena horta para meia dúzia de pessoas, quando sabemos que até 150 pessoas chegou a abrigar e que apresentava o visual de um magnífico parreiral. Nem o que falar das casas de madeira com frixas por todos os lados e das roupas usadas pelos colonos que os fariam enregelar nas altitudes de Palmeiras. Enfim temos que louvar os realizadores por um princípio de honestidade que os conduziu a tratar o difícil tema sem descambar para o grotesco e o anedótico.

MINISTÉRIO DA CULTURA ESPANHOL APÓIA A CNT – A Confederação Nacional do Trabalho está há vários anos envidando esforços a fim de recuperar seus arquivos que foram depositados em 1939, fim da Guerra Espanhola, no Instituto de História Social de Amsterdam, a fim de preservá-lo do vandalismo franquista. Há grande interese de recuperá-lo, já que os referidos arquivos, além de importância para o anarquismo e movimento operário, apresentam interesse histórico nacional. Apesar de todo o esforço feito pela organização anarco-sindicalista, o objetivo está longe de se concretizar face aos trâmites burocráticos. O Ministério da Cultura e o Governo Espanhol irão utilizar a ação política e diplomática junto ao Instituto de História Social de Amsterdam e o Governo Holandês para conseguir a devolução. Por outro lado irá assessorar tecnicamente a repatriação e proporcionará meios necessários para alocar este valioso fundo de documentos.

REVOLUÇÃO FRANCESA E OS LIBERTÁRIOS– Foi realizada na Universidade de São Paulo, nos dias 16, 17 e 18 de agosto do corrente ano, um seminário sobre a Revolução Francesa com os seguintes temas: **Revolução Francesa e os Libertários; Babeuf: A Conjuração dos Iguais; As Utopias Libertárias e seus Percursos na História.** O Centro de Cultura de São Paulo participou ativamente do evento.

ANARCO-SINDICALISTAS OCUPAM PRÉDIO EM MILÃO – A União Sindical Italiana (USI), organização anarco-sindicalista, que há muitos anos vem juridicamente reivindicando junto ao Estado Italiano, todos os locais, imprensa e bibliotecas expropriadas por Mussolini desde 1921. Face a omissão da justiça, resolveu passar para a tática de ação direta. Ocuparam um edifício do Estado na Via Le Blignj 22. Os jornais de Milão noticiaram fartamente o ato. Os anarco-sindicalistas da USI estão reformando o local que será a nova sede do sindicato anarquista. Apelam para que se enviem telegramas de apoio ao Sindicato di Milano Pilliteri, c/ o Palazzo Marino, 20100, Milão. Texto: "Exigimos que seja reconhecido o direito da USI a posse do local, Via Le Blignj 22".

VII CONGRESSO DA CNT – Será realizado em Bilbao, entre os dias 11 e 16 de abril de 1990, o VII Congresso da Confederação Nacional do Trabalho. Da ordem do dia já definitiva destacamos os seguintes temas: **Ação Social** (Anti-militarismo, ecologia, etc.); **Estratégia da CNT, legislação trabalhista e lei de greve; Situação nacional e internacional; Novas estruturas sociais, políticas e econômicas; Posição do anarco-sindicalismo, hoje; A CNT e o movimento libertário: análise e relações; Ação Sindical.**

BAKUNIN NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – No Campus da Universidade foi encenada a peça **Bakunin** e também projetado o vídeo da Colônia Cecília. Seguiram-se debates sobre o pensamento libertário e as relações Proudhon X Marx. O Centro de Cultura Social de São Paulo esteve representado por Jaime Cuberos.

AUTOCRÍTICA – "Os políticos são iguais em todas as partes. Prometem construir uma ponte onde não existe rio" (Krushev).

GEORGE SIMENON ANARQUISTA – George Simenon (1903-1988) mais conhecido no Brasil por seus inúmeros romances policiais (a série Maigret), em entrevista de 1983 afirma: "Considero-me um anarquista não violento, pois o anarquismo não é necessariamente violento. O anarquismo é contra os que desejam se servir do homem, em lugar de deixá-lo pensar livremente. O anarquista é um homem independente intelectualmente e tanto que possível fisicamente. Sou também contra todos os serviços militares obrigatórios...".

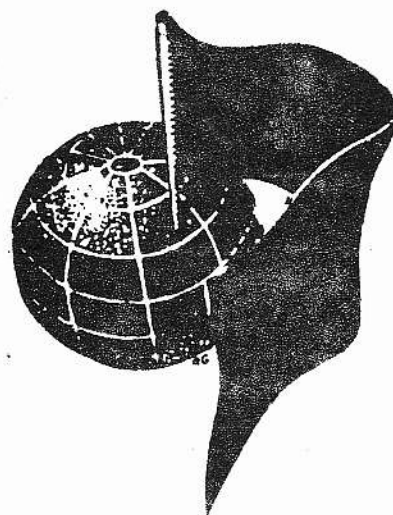
JORNAL NOVO – Lançado em São Paulo o jornal **Libertárias** – Publicação em formato tablóide, com vinte páginas, diagramação moderna. Destacamos os seguintes textos: A Revolução Francesa – Os libertários esquecidos; Surrealismo e Anarquismo; Uma entrevista com Jaime Cuberos; Nós Verdes, nós anarquistas etc. Desejamos vida longa à publicação, tão necessária no momento. Os interessados em adquirir o jornal escrevam para Rua General Jardim, 288 - conj. 11 – CEP 01233 - São Paulo, SP – tel.: 258-9188 – C.P. 45384

CURSO SOBRE ANARCO-SINDICALISMO – A Liga de Ofícios Vários de São Paulo promoveu nos meses de novembro e dezembro de 1989, uma série de palestras com os seguintes temas: **1ª Internacional: Bakunin e Marx; Anarco-sindicalismo: da Comuna de Paris ao Século XX; Anarco-sindicalismo nos tempos da Revolução Russa (1905-1924); A experiência Espanhola: a CNT até a Revolução de 1936; O Sindicalismo Hoje e a Questão da Greve Geral.** As conferências foram realizadas no Centro de Cultura Social - rua Rubino de Oliveira 85, Bráz, São Paulo.

LÊNIN É UMA BRASA – Na noite de 6 de dezembro de 1989, cerca de cinco mil militantes anarquistas poloneses, de Nowa Huta região da Cracóvia, atearam fogo à estátua de Lênin erigida na praça principal. Os manifestantes com esse gesto, exigiam a destituição de qualquer poder centralizado e hierarquizado, assim como a destruição dos símbolos da ocupação soviética na Polônia. A polícia, como de hábito, fez juz aos seus **Zlots** mensais e baixou o porrete em todos. Alguns dias após, o governo polonês retirou a estátua da praça, preocupados com o "bem estar" da população local e muito mais com o que poderia pensar o governo soviético.

POLÍCIA "PROTEGE" ESTUDANTES – Quando realizavam pixação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, dois estudantes libertários foram presos e submetidos a uma série de violências por parte dos quatro representantes da "ordem" e da "democracia". Não contentes com a truculência exibida, resolveram surrupiar todo o dinheiro de nossos companheiros, a título de "contribuição" para melhorar a imagem da corporação que tem por objetivo "proteger" os cidadãos. Nosso repúdio a esse ato "democrático" e "protetor".

ALI-BABÁ E AS ELEIÇÕES – A caminho de Copacabana o taxista vai em animada conversa com a passageira, sobre as eleições presidenciais:

– Votei nulo e com toda a convicção!
– E por que?
– De nada adiantaria mudar o Ali-Babá e conservar os quarenta ladrões!

Diamantino Augusto Velho

NASCEU em Portugal em 1893. Filho de camponeses, cedo emigrou para o Brasil para não efetuar o serviço militar. Estabeleceu-se, inicialmente, na cidade de Santos onde exerceu sucessivamente as profissões de trabalhador braçal em uma pensão, operário da turma de conserva da estrada Santos-Jequiá, trabalhador na Companhia Telefônica, Carregador da Companhia Docas de Santos, transportando sacos de café para exportação, em jornada de 10 horas, um trabalho extremamente penoso e aniquilador.

O militante anarco-sindicalista Antunes, estucador, foi quem o ensinou a ler e quem o introduziu no conhecimento do movimento social e anrquista. Santos que na época era chamada de Barcelona Brasileira, por seu atuante movimento operário, foi também para Diamantino o largo espaço de sua prática social.

Começou frequentando os sindicatos da época que eram atuantes, verdadeiras casas dos trabalhadores e não repartições burocráticas para líderes sindicais. Uma série de greves irrompidas nas Docas de Santos culminou com a Grande Greve de 1920 pela conquista das oito horas de trabalho. Integrou o comitê de greve, que ocultamente, orienta o movimento, através de manifestos diários, impressos em São Paulo. A repressão era tão violenta que era impossível a existência de piquetes de operários. O movimento paredista se prolongou por mais de três meses. As Docas tiveram que ceder e as oito horas foram conquistadas. Seguia-se intensa repressão policial. Os elementos pertencentes a comitês de greve eram especialmente visados. Diamantino se dirigiu a São Paulo e posteriormente Rio de Janeiro, indo militar nos sindicatos da Construção Civil. Fez parte da Liga Anticlerical, está entre os fundadores do jornal **Ação Direta** dirigido por Oiticica, participou ativamente do Centro de Cultura José Oiticica.

Conservou até o fim de seus dias extrema lucidez e uma disposição amorosa para a vida, sua rude labuta de operário da construção civil jamais foi desculpa para não cultivar o espírito e aumentar sua cultura. Era leitor habitual de jornais, livros, panfletos e frequentador de conferências. Conservava para o passado lembranças irônicas e críticas saudáveis, nunca o saudosismo, pois vivia basicamente no presente. Conservou-se fiel aos ideiais anarquistas até seu último dia de vida que foi a 17.10.89.

A origem da Internacional

A letra da "Internacional" foi escrita por **Eugene Pottier**, em 1871, após a sangrenta repressão da Comuna de Paris. Pottier (1816-1887) nasceu em Paris, filho de modesto artesão, participou da Revolução de 1848, lutando nas barricadas. Influenciado pelas idéias de Proudhon, foi, durante a Comuna de Paris, prefeito do 2º Distrito e membro do Conselho. Condenado à morte exilou-se na Bélgica e posteriormente, Inglaterra e Estados Unidos. Retornou à França, velho e doente, falecendo em seis de novembro de 1887.

Pierre Degeyter (1848-1932) foi quem compôs a música em 1888, pois originalmente a "Internacional" era cantada com a música da Marselhesa. **Degeyter** nasceu na Bélgica, aprendeu o ofício de marceneiro, mas sempre se dedidou ao estudo da música, como autodidata. Pouco antes de falecer, afirmava que uma das grandes emoções de sua vida foi ouvir a "Internacional" cantada na grande manifestação anarcosindicalista realizada em Madrid, a 14 de abril de 1931.

O Movimento Comunista e os Países do Socialismo real sempre utilizaram, segundo as necessidades e circunstâncias, a "Internacional", tendo porém o cuidado de suprimir a 5º estrofe a fim de não perturbar o processo digestivo dos generais socialistas de plantão.

A "Internacional" foi traduzida para o português pelo militante anarquista Neno Vasco.

"A Internacional",

De pé, ó vítimas da fome!
De pé, famélicos da terra!
Da Idéia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra.
Cortai o mal, bem pelo fundo!
De pé, de pé, não mais senhores!
Se nada somos, em tal mundo,
Sejamos tudo, ó produtores!

Coro:

Bem unidos, façamos,
Nesta luta final,
Duma terra sem amos
A Internacional!

Messias, Deus, chefes supremos,
Nada esperamos de nenhum!
Sejamos nós que conquistemos
A Terra-Mãe livre e comum!
Para não ter protestos vãos,
Para sair deste antro estreito,
Façamos nós, por nossas mãos,
Tudo que a nós nos diz respeito.

Bem unidos, façamos,
Nesta luta final,
Duma terra sem amos
A Internacional!

Crime de rico a lei o cobre,
O Estado esmaga o oprimido:
Não há direitos para o pobre,
Ao rico tudo é permitido.
À opressão não mais sujeitos!
Somos iguais todos os seres.
Não mais deveres sem direitos,
Não mais direitos sem deveres!

Bem unidos, façamos,
Nesta luta final,
Duma terra sem amos
A Internacional!

Abomináveis na grandeza,
Os reis da mina e da fornalha
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha.
Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolheu.
Querendo que ela o restitua,
O povo quer só o que é seu.

Bem unidos, façamos,
Nesta luta final,
Duma terra sem amos
A Internacional!

Fomos de fumo embrigados.
Paz entre nós, guerra aos senhores!
Façamos greve de Soldados!
Somos irmãos, trabalhadores!
Se a raça vil cheia de galas
Nos quer à força canibais,
Logo verá que as nossas balas
São para os nossos generais.

Bem unidos, façamos,
Nesta luta final,
Duma terra sem amos
A Internacional!

Somos do povo dos ativos,
Trabalhador, forte e fecundo.
Pertence a terra aos produtivos!
Ó parasita, deixa o mundo!
Ó parasita, que te nutres
Do nosso sangue a gotejar,
Se nos faltarem os abutres,
Não deixa o sol de fulgurar!

Bem unidos, façamos,
Nesta luta final,
Duma terra sem amos
A Internacional!

com licença! com licença!...